



Instituto Politécnico de Santarém

---

Escola Superior de Educação de Santarém

# **As reuniões de pais: a perspetiva dos pais e professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Relatório Final apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação  
Pré- Escolar e em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Sara Travassos Rodrigues**

**Orientador:  
Professor Doutor Ramiro Marques**

2016, julho

## **Agradecimentos**

Ao Professor Doutor Ramiro Marques pela sua orientação, disponibilidade e total colaboração na resolução de dúvidas e problemas que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho.

A todas as professoras que se disponibilizaram para me receber, pois sem elas a realização deste trabalho não seria possível.

Às famílias, e respetivas crianças, com quem contactei nas valências de Creche, Jardim de Infância e 1.º Ciclo. Um especial agradecimento aos pais dos alunos do 1.º Ciclo que responderam aos Inquéritos, indispensáveis à minha investigação.

À memória da minha avó, por ser quem era e por me ter ajudado a ser quem sou.

Por último, sabendo que sozinha nada disto seria possível, dirijo um enorme agradecimento aos meus pais, por serem modelos de coragem, pelo apoio incondicional, por nunca me deixarem desistir, pelo incentivo, amizade e paciência demonstrados e total ajuda na superação dos obstáculos que foram surgindo ao longo destes cinco anos. A eles dedico este trabalho!

## Resumo

A questão problema “As reuniões de pais: qual a perspectiva dos pais e dos professores do 1.º ciclo do Ensino Básico?” surgiu durante a prática profissional realizada no Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e foi o ponto de partida para a realização do presente Relatório Final.

Este relatório tem como objetivo refletir sobre a importância da comunicação entre os professores e os pais, compreender e analisar a preparação e condução das reuniões de pais, assim como a influência da família no desempenho escolar da criança.

Na primeira parte deste relatório, apresento uma breve contextualização dos níveis de ensino em que estagiei – Creche, Pré- Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este relatório foi desenvolvido numa perspectiva de desenvolvimento pessoal e profissional. Por isso, revela uma postura crítica e reflexiva em relação à prática educativa.

Na segunda parte, é apresentado o trabalho de investigação acerca da problemática em questão, não esquecendo que tanto pais como professores dão grande relevância às reuniões de pais. É através destas que se estabelece o diálogo entre a escola e a família, que facilita a integração do aluno na escola e reforça as suas aprendizagens.

Para finalizar o presente relatório, é feita uma análise aos inquéritos aplicados aos encarregados de educação e às entrevistas semiestruturadas efetuadas aos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

**Palavras-Chave:** Relação Escola-Família, 1.º Ciclo, Pais, Professores, Reunião de pais, sucesso educativo.

## **Abstract**

The question for this study “ Parents/teachers meetings: what is the perception of parents and teachers at Basic Education level ?” came up during the internships under the Masters Course in Early Childhood Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education held at the Escola Superior de Educação de Santarém.

This study aims at understanding and thinking about the importance of communication between teachers and parents, examining the course of parent/teacher meetings and the influence of parents on the child’s school achievement.

In the first part of this study I will offer a brief description of the various teaching levels I worked in – nursery, pre-school and elementary school. This report was written from the standpoint of personal and professional development; therefore it contains a critical and reflexive stance in regard to the actual teaching practice.

The second part includes the research regarding the issue of this thesis. It should be emphasized that both teachers and parents take these meetings into great account, once they allow the possibility to keep open the dialogue between the school and the parents, thus contributing to the child’s integration at school and enhancing his learning process.

The final part of this thesis proposes the study of the questionnaire made to parents. It also includes the content analysis of the interviews carried out to teachers at the 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education.

**Key Words:** School-parent relationship; Elementary School, Parents; Teachers; Parents/Teachers meetings; school achievement.

## Índice

|  |     |
|--|-----|
| Agradecimentos .....   | ii  |
| Resumo.....  | iii |
| Abstract.....  | iv  |
| Índice .....   | v   |
| Introdução.....  | 7   |
| Parte I .....  | 8   |
| 1. Descrição dos contextos de estágio e Autodiagnóstico .....                | 8   |
| 1.1. Educação Pré-Escolar.....   | 8   |
| 1.1.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças ..... | 8   |
| 1.1.2. Percurso do desenvolvimento profissional .....                        | 10  |
| 1.2. 1º Ciclo do Ensino básico (2º ano de escolaridade) .....                | 12  |
| 1.2.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças ..... | 12  |
| 1.2.2. Percurso do desenvolvimento profissional .....                        | 15  |
| 1.3. Creche.....   | 17  |
| 1.3.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças.....  | 17  |
| 1.3.2. Percursos do desenvolvimento profissional.....                        | 20  |
| 1.4. 1º Ciclo do Ensino básico (4º ano de escolaridade) .....                | 22  |
| 1.4.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças ..... | 22  |
| 1.4.2. Percurso do desenvolvimento profissional .....                        | 24  |
| 1.5. 1º Ciclo do Ensino básico (3º e 4º ano de escolaridade) .....           | 26  |
| 1.5.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças ..... | 26  |
| 1.5.2. Percurso do desenvolvimento profissional .....                        | 29  |

|   |    |
|---|----|
| Parte II .....  | 32 |
| 2. Revisão da Literatura e Estudo Empírico .....                            | 32 |
| 2.1 Definição do problema .....   | 32 |
| 2.2 Reuniões de pais .....  | 34 |
| 2.2.1 Perspetiva do Professor .....   | 34 |
| 2.2.1.1 A importância de comunicar com os pais .....                        | 34 |
| 2.2.1.2 Reunião em grupo .....  | 35 |
| 2.2.1.3 Reunião individual .....  | 36 |
| 2.2.1.4 Como gerir conflitos.....   | 37 |
| 2.2.2 Perspetiva dos Pais .....   | 38 |
| 2.2.2.1 Como veem as reuniões de pais e a relação com a escola. ....        | 38 |
| 2.2.2.2 Comunicar em família.....   | 40 |
| 3. Recolha e análise de dados .....   | 42 |
| 3.1. Inquérito aos pais/ encarregados de educação .....                     | 42 |
| 3.1.1 Apresentação dos resultados .....                                     | 42 |
| 3.1.2 Alguns comentários aos resultados dos inquéritos .....                | 47 |
| 3.1.3 Observações sobre as escolas onde foram realizados os inquéritos..... | 48 |
| 3.2 Entrevistas aos docentes .....  | 48 |
| 3.2.1 Apresentação e análise das entrevistas aplicadas aos docentes .....   | 48 |
| Reflexão Final .....  | 51 |
| Referências bibliográficas .....  | 52 |
| Anexos.....   | 54 |

## Introdução

O Relatório Final sobre o tema “As reuniões de pais: a perspetiva dos pais e professores do 1.º ciclo do Ensino Básico” foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado na Escola Superior de Educação de Santarém, pertencente ao Instituto Politécnico de Santarém.

A escolha do tema surgiu durante a prática pedagógica em diferentes contextos, onde tive oportunidade de assistir a reuniões de pais, tanto individuais como gerais. Foi-me possível aperceber a importância da realização dessas reuniões, o que me suscitou interesse para procurar saber mais sobre o assunto. “Os pais são os primeiros educadores da criança e que, ao longo da sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar. Os professores são parceiros insubstituíveis na assunção dessa responsabilidade. Como parceiros devem unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de um mesmo bem comum para os alunos” (Marques, 2001: 12)

Este relatório foi dividido em duas partes.

A primeira parte é caracterizada pela contextualização dos diferentes locais de prática profissional. Apresento uma breve caracterização de cada instituição, da sala e do grupo de crianças, assim como o projeto educativo da instituição e o projeto que elaborei e implementei na prática profissional. Também apresento um autodiagnóstico de toda a prática desenvolvida durante o estágio, referindo os aspetos positivos e negativos, assim como as dificuldades que encontrei ao longo deste percurso.

Na segunda parte, abordo o tema, através de uma pesquisa mais detalhada, onde reflito sobre as seguintes questões: como comunicar com os pais e em família; como preparar e conduzir uma reunião de pais e como gerir os conflitos que possam surgir na relação entre pais e professores. Também nesta segunda parte, apresento os resultados de uma investigação qualitativa através de inquéritos realizados aos encarregados de educação e entrevistas semiestruturadas com professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico com o intuito de ficar a conhecer qual a perspetiva de pais e professores acerca deste tema.

## **Parte I**

### **1. Descrição dos contextos de estágio e Autodiagnóstico**

#### **1.1. Educação Pré-Escolar**

##### **1.1.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças**

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância e ao longo do estágio de intervenção, frequentei um Jardim-de-Infância do Vale de Santarém, situado no concelho de Santarém. Era uma Instituição Particular de Solidariedade Social, localizada no espaço pertencente à Estação Zootécnica Nacional.

A Instituição tinha em funcionamento as valências de creche, jardim-de-infância e Centro de Atividades de Tempos Livres (C.A.T.L).

Relativamente aos espaços interiores, estes eram constituídos por dez salas, cinco de creche e cinco de jardim-de-infância; seis casas de banho, três na zona de jardim-de-infância e uma na zona de creche, adaptadas à faixa etária e duas casas de banho para adultos; um salão polivalente que permitia a prática de atividades educativas e lúdicas; uma sala de acolhimento do jardim-de-infância; três refeitórios que são partilhados em turnos diferentes; um escritório/sala de reuniões de pessoal docente; um espaço de arrumação de material de limpeza; uma cozinha/armário e armazenamento de produtos alimentares; uma copa; um auditório e uma messe dos serviços sociais da Estação Zootécnica Nacional.

No que diz respeito aos espaços exteriores, estes caracterizavam-se por serem amplos e de fácil acesso às salas de atividades. As crianças podiam usufruir de todo o espaço, bem como estarem em contacto com a natureza e os animais que esta instituição possuía.

A sala que acompanhei enquanto estagiária era um espaço amplo, com boa luminosidade natural e bem arejada devido à dimensão das janelas. Possuía cinco armários que permitiam uma boa arrumação dos materiais e ainda delimitavam a organização do espaço. É de salientar que, segundo a educadora cooperante, a organização da sala foi realizada de acordo com a opinião/votação das crianças. Para Hohmann & Weikart (2011:173) “independentemente da razão porque modifica o seu espaço de brincadeira, envolver as crianças nas mudanças do ambiente dá-lhes um sentimento de controlo sobre o mundo. Aproveitar a

organização do espaço e as questões de equipamento como oportunidades para a resolução de problemas envolve as crianças de forma positiva em mudanças que, de outra forma, poderão perturbar o seu sentido de consistência e segurança.”

A organização da sala encontrava-se dividida em diferentes áreas de interesse, mais concretamente: biblioteca; escritório; casinha; construções e garagem; jogos de mesa, desenho, recorte e colagem; e o lavatório. “Definir as áreas de interesse é uma maneira concreta de aumentar as capacidades de iniciativa, autonomia e estabelecimento de relações sociais das crianças. Como as áreas de interesse se encontram diariamente acessíveis às crianças, elas sabem quais os materiais e objetos que estão disponíveis e onde os encontrar. A organização do espaço, quando caracterizada pela consistência e permanência, permite que a criança possa antecipar onde quer ter uma atividade e o que fazer com os materiais que lá se encontram. Uma vez que os materiais estão permanentemente acessíveis, as crianças podem concentrar-se no processo e nas interações relativas à atividade que escolheram.” (Hohmann & Weikart 2011:165)

O grupo que acompanhei era constituído por dezanove crianças, das quais onze eram do género masculino e oito do feminino, com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos de idade. No grupo, não existia nenhuma criança assinalada com qualquer necessidade educativa especial, apesar de haver uma que era acompanhada por um professor de ensino especial, já que possuía dificuldades de aprendizagem. Considero que as crianças eram alegres, ativas, que tinham a tendência para formar pequenos grupos, normalmente todos do mesmo género, para brincarem. O grupo a que diz respeito esta caracterização, demonstrava variados interesses em diversos tipos de atividades, tais como jogos de tabuleiro, a plasticina, a garagem, a casinha, leitura de histórias e os legos. Em relação às áreas de conteúdo, as crianças demonstravam um elevado interesse pela escrita e pela matemática, não deixando de também focar a sua atenção pela área da expressão plástica, da dramatização, da área da música, assim como pela expressão motora.

A instituição tinha, como Projeto Educativo, o tema “Saúde e Bem-Estar”. Este tinha como objetivo proporcionar às crianças uma alimentação saudável, para que estas soubessem escolher os alimentos de forma e em quantidade adequada às necessidades diárias, ao longo das diferentes fases da vida. O Projeto Educativo tinha ainda como objetivo sustentar para o bem-estar, ou seja, deixar que as crianças aproveitassem todo o espaço ao ar livre, organizando-se jogos, piqueniques e passeios pela quinta. A escolha dos alimentos, os perigos inerentes

a uma alimentação desequilibrada, o interesse na escolha de alimentos saudáveis e na qualidade da higiene, a realização de atividades desportivas preferencialmente ao ar livre, eram atitudes que foram desempenhadas ao longo deste projeto.

A minha postura como estagiária e futura educadora de infância, durante o período de estágio, foi positiva e com uma boa integração na comunidade escolar. A meu ver, tive uma boa relação com todos os funcionários do estabelecimento, respeitando a função de cada um, auxiliando e colaborando no que me fosse possível. Disponibilizei-me para ajudar em todas as atividades e no funcionamento destas, como na Festa do Dia de São Martinho e na Festa de Natal. Ao longo do estágio fui aprendendo e observando onde se encontravam os materiais, onde os devia arrumar e a utilidade que lhes podia dar. No final do estágio já me encontrava mais autónoma na recolha de materiais e na organização da sala de atividades.

### **1.1.2. Percurso do desenvolvimento profissional**

Antes de refletir acerca da minha intervenção pedagógica-didática neste primeiro estágio é, a meu ver, importante refletir sobre qual o papel do Educador de Infância no desenvolvimento físico, psíquico e social das crianças. Desta forma, para Dolto (1999:163) as educadoras “ocupam-se do corpo, dos jogos, das atividades de relaxamento, do comportamento de cada um no meio dos outros, sem dirigismos mas com tolerância e compreensão para com as pequenas dificuldades de cada um (...).é preciso que gostem das crianças e que as crianças gostem delas, saibam ocupá-las e consolá-las, que estejam em boas relações com os pais e as mães que trazem as crianças e as vêm buscar ao fim do dia. Que estejam próximas das crianças, conhecendo o nome de cada uma, que as apresentem umas às outras, brinquem com elas, sabendo contar histórias, cantar cantigas; que sejam, para cada uma de entre elas, conforto e recurso nas alturas de cansaço, de necessidade, de aflição ou de conflito com outras crianças, sem nunca as censurar quando se entreagridem ou fracassam nas suas iniciativas.”

Para a minha construção profissional, considero que uma das aprendizagens mais benéficas nesta valência foi o facto de ter tido a oportunidade, juntamente com a colega de estágio, de elaborar e aplicar um projeto. Tendo em conta a observação realizada durante as primeiras semanas de estágio, assim como as sugestões propostas pela educadora, decidi juntamente com a colega de estágio elaborar e

organizar o nosso projeto de acordo com o tema da instituição “Saúde e Bem-Estar”. Desta forma, o nosso projeto estava intitulado como “Eu e os Outros”. O egocentrismo verificado entre as crianças foi o que nos motivou para a concretização da realização do projeto. Com o intuito de alcançar os interesses e de dar resposta às necessidades das crianças, o presente projeto tinha como objetivos desenvolver a capacidade de observação, potenciar atitudes de respeito e partilha para com o outro; perceber as transformações no seu corpo; reconhecer o outro através dos sentidos. A área de Formação Pessoal e Social era a que mais se destacava ao longo deste projeto, pois pretendeu-se que as crianças apreendessem valores como o respeito, a interajuda, a autonomia e a independência. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (2016:37) “A Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, se insere em todo o trabalho educativo realizado no jardim-de-infância, uma vez que tem a ver com a forma como as crianças se relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes, valores e disposições que constituem as bases de uma aprendizagem bem-sucedida ao longo da vida e de uma cidadania autónoma, consciente e solidária.”

Durante a concretização do projeto “Eu e os Outros” tentei criar várias atividades que fossem apelativas às crianças, para que elas participassem com gosto e não apenas porque estava a ser pedido. Algumas das atividades que pus em prática foram: o jogo “Quem és tu?”; e a cópia do quadro “Careta” de Joan Miró.

No jogo “Quem és tu?” a uma criança era-lhe tapada os olhos e de seguida eu pedia a outra que se colocasse à sua frente. O objetivo do jogo era quem estivesse de olhos vendados conseguisse adivinhar, através do tato, qual a criança que estava à sua frente. As crianças mostraram-se interessadas, motivadas já que pediram muitas vezes para participar. Fiquei surpreendida, pois na sua maioria todas as crianças, conseguiram adivinhar quem se encontrava à sua frente.

Relativamente à segunda atividade, ou seja, a cópia do quadro “Careta” de Miró esta foi realizada utilizando tintas de guache e papel A4, o que proporcionou momentos divertidos às crianças e trabalhos bastante originais. A realização gráfica possui um importante papel no desenvolvimento físico e intelectual da criança já que tal como Sousa (2003:196) afirma “quando a criança efetua traçados sobre uma superfície, está a efetuar movimentos do braço, da mão e dos dedos que são exercícios de adestramento que contribuem de um modo muito significativo para o desenvolvimento das suas capacidades de coordenação visuo-neuromotora.”

Relativamente à avaliação das minhas atividades penso que era bastante crítica, fazendo uma reflexão diária do que tinha acontecido de positivo e negativo durante o dia. Durante o estágio, senti alguma dificuldade em que o grupo se mantivesse atento quando estavam na área do tapete, para que eu pudesse explicar a atividade que iria ser iniciada. Para superar este obstáculo comecei por chamar a atenção de cada criança, mudando-a de lugar ou então, se a atividade fosse para ser realizada nas mesas, pedia às crianças que se sentassem diretamente nas mesas e não no tapete. Apercebi-me que o facto de estarem sentados nas cadeiras fazia com que tivessem menos tendência para se virarem para trás ou que a sua atenção fosse dirigida para o seu corpo.

No entanto, para mim, foi sem dúvida um local de aprendizagem e de reflexão para a minha futura vida profissional, onde aprofundei conhecimentos e dei ainda mais valor à importância de criar laços seguros com as crianças e de fazer atividades que lhes permitem desenvolver a sua criatividade, preservar e desenvolver a valorização das suas capacidades artísticas, tornando-as mais confiantes e determinadas no modo como encaram o Mundo.

## **1.2. 1º Ciclo do Ensino básico (2º ano de escolaridade)**

### **1.2.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças**

No âmbito do estágio de intervenção em 1º Ciclo, frequentei uma turma de 2º ano numa escola pública, na freguesia de Marvila, concelho de Santarém. A instituição estava inserida num meio local predominantemente habitacional mas também com algum comércio e serviços.

Este estabelecimento de ensino pertencia ao Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado.

É importante referir que o edifício era constituído por dois pisos com três salas e uma zona comum e, por sua vez, composto por dois blocos independentes, designados por Bloco Poente e Bloco Nascente. Existia um pátio exterior com um pequeno parque infantil, mesas e bancos e uma zona de recreio ampla, vedada por uma rede.

A Escola era constituída por 12 salas de aula. As salas estavam divididas por blocos, sendo que cada um possuía dois pisos com três salas e uma zona comum.

No Bloco Poente, no rés-do-chão e primeiro andar existiam seis salas de aula de ensino regular. No Bloco Nascente, no rés-do-chão existia um refeitório, um

polivalente, onde se realizavam atividades na área das expressões, reuniões, convívios e festas, onde toda a comunidade escolar estava envolvida. Este espaço também podia ser utilizado pelos alunos, nos intervalos, nos dias de chuva. Ainda neste espaço, encontrava-se a sala de professores, um gabinete de atendimento da terapia da fala, a reprografia, a cozinha, casas de banho e arrecadações. Nesta mesma zona, funcionava uma sala de Recursos com metodologia de Tratamento e Educação de Crianças Autistas com Problemas de Comunicação – Unidade de Ensino Estruturado, destinada a alunos com perturbação do espectro do autismo. Esta possuía todo o material didático necessário para potenciar um desenvolvimento harmonioso destas crianças. Também nesta área funcionava a Biblioteca Escolar/ Centro de Recursos.

A sala de aula onde realizei o estágio caracterizava-se por ser um espaço amplo, com boa luminosidade natural e bem arejada devido à dimensão das janelas. Possuía quatro armários que permitiam uma boa arrumação dos materiais e livros dos alunos. A sala estava organizada de modo a que o grupo que tinha mais dificuldades estivesse à frente no centro da sala e os restantes elementos, à sua volta.

“No que diz respeito à disposição dos materiais, carteiras e alunos, o espaço é um recurso importante que é planificado e gerido pelos professores. A forma como o espaço é utilizado interfere no ambiente da sala de aula, influencia o diálogo e a comunicação e tem efeitos emocionais e cognitivos importantes nos alunos.” (Arends, 2008 cit in Teixeira 2012:169)

Relativamente à turma na qual estive a estagiar, esta era constituída por vinte e um alunos, dez do género masculino e onze do feminino com idades compreendidas entre os sete e os oito anos de idade. No grupo, existia um aluno assinalado com necessidade educativa especial, nomeadamente o autismo.

Segundo o Projeto Curricular de Turma, as potencialidades da turma manifestavam-se através do interesse e da motivação demonstradas pelos alunos, essencialmente, nas atividades que implicavam a realização de tarefas mais práticas, a resolução de desafios, a troca de opiniões, ouvir histórias e as expressões. Além destas atividades mostravam-se motivados sempre com assuntos apresentados de forma lúdica. As principais dificuldades dos alunos eram, na sua maioria, dificuldades do domínio cognitivo, nomeadamente, na sua capacidade criativa, aquisição de técnicas e métodos de trabalho, bem como, na capacidade de transmitir os seus conhecimentos e ideias oralmente e por escrito. As dificuldades evidenciadas pelos alunos estavam relacionadas com a falta de autonomia, organização e por falta de atenção/concentração. (PCT, 2014/2015:23)

Ainda no que respeita os interesses e potencialidades da turma, de acordo com observações e partindo de conversas informais quer com o meu par de estágio, quer com a professora titular, foi-me possível observar e caracterizar o grupo como sendo participativo, unido, dinâmico, criativo e argumentativo, demonstrando preferência pelas disciplinas de Estudo do Meio e Expressões em detrimento das disciplinas de Português e Matemática. Durante a prática pedagógica apercebi-me que os alunos demonstravam um grande interesse nas atividades onde o material didático era utilizado. Desta forma, e tal como Turrioni (2004:78) afirma o material didático “exerce um papel importante na aprendizagem. Facilita a observação e a análise, desenvolve o raciocínio lógico, crítico e científico, é fundamental e é excelente para auxiliar o aluno na construção de seus conhecimentos.”

O Projeto Educativo do Agrupamento designava-se como “Educação para a Saúde” tendo como objetivo primário desenvolver projetos conjuntos englobando benefícios de uma alimentação racional, prevenção de dependências, alertar para a importância da prática desportiva e para a sexualidade responsável. O Projeto Curricular da Turma era o mesmo que estava a ser desenvolvido pela comunidade escolar. Todos os dias uma assistente operacional colocava na sala um recipiente com fruta para que todos os alunos comessem pelo menos uma peça de fruta durante o dia; também me foi possível participar na “Manhã Desportiva” que acontecia no último dia de aulas de cada período e que envolvia todas as turmas da escola. Essa “Manhã Desportiva” incluía várias atividades como zumba, basquetebol, futebol, rãguebi, ginástica. Durante um período de tempo, cada turma era dirigida para uma atividade. No fim desse tempo, dirigia-se a outra, passando por todas as modalidades desportivas.

A meu ver, a dinamização de uma manhã diferente que fomenta o desporto é muito importante, incentiva as crianças a praticarem desporto já que, atualmente, as crianças fazem pouco exercício físico preferindo o computador, o *tablet* ou a televisão.

No que respeita à minha integração na comunidade escolar penso que esta foi bem-sucedida, sendo que toda a equipa esteve sempre disponível para me ajudar quando necessário, disponibilizando-se para me darem os materiais necessários e para me auxiliarem em determinadas atividades. Nas primeiras semanas, sobretudo nas de observação, procurei explorar os espaços e os recursos físicos e humanos presentes na instituição, com o intuito de melhorar a minha integração, para que me fosse possível ter um melhor conhecimento do espaço e desta forma sentir-me mais à vontade no seu interior.

### **1.2.2. Percurso do desenvolvimento profissional**

Antes de refletir acerca da minha intervenção pedagógica-didática neste primeiro estágio em primeiro ciclo é, a meu ver, importante refletir sobre qual o papel do professor primário no desenvolvimento físico, psíquico e social das crianças. Desta forma, para Paiva (2014:22) “os professores do 1.º ciclo têm o enorme desafio de iniciar as crianças nas aprendizagens formais. A eles cabe a honrosa tarefa de os ensinar a ler, a escrever e a contar, mas não só! Têm o desafio de tornar a aula uma sala de estar. Um lugar ameno e estimulante para onde as crianças gostem de fugir de casa para ir.”

Para a minha construção profissional, considero que uma das aprendizagens mais benéficas nesta valência foi o facto de ter tido a oportunidade, juntamente com a colega de estágio, de elaborar e aplicar um projeto. Tendo em conta as observações realizadas durante as primeiras semanas de estágio, assim como as sugestões sugeridas pela professora cooperante, decidi juntamente com a colega de estágio elaborar e organizar o nosso projeto de acordo com o tema da instituição “Educação para Saúde”. Desta forma, o nosso projeto estava intitulado como “Eu e os Outros”. A dificuldade que alguns alunos tinham em esperar pela sua vez para falar, em trabalhar em grupo, em partilhar os materiais e a respeitar algumas regras da sala de aula estabelecidas pela professora foi o que nos motivou para a concretização da realização do projeto. Com o intuito de melhorar a forma como a criança se autoavalia e como se relaciona com os outros em sociedade, o presente projeto tinha como objetivos promover a capacidade de observação; potenciar atitudes de respeito e partilha para com o outro; fomentar a interajuda entre os alunos; conhecer e compreender as regras de vivência social. A disciplina de Educação para a Cidadania foi a que mais se destacou ao longo deste projeto, pois pretendeu-se que as crianças apreendem-se valores como o respeito, a interajuda, a autonomia e a independência. De acordo com o programa de Educação para a Cidadania (2011:1) “A prática da cidadania constitui um processo participado, individual e coletivo, que apela à reflexão e à ação sobre os problemas sentidos por cada um e pela sociedade, O exercício da cidadania implica, por parte de cada individuo e daqueles com quem interage, uma tomada de consciência, cuja evolução acompanha as dinâmicas de intervenção e transformação social. A cidadania traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social.”

Durante a concretização do projeto “Eu e os Outros” tentei criar várias atividades que fossem apelativas às crianças, para que elas participassem com gosto, sendo um elemento facilitador nas aprendizagens. Algumas das atividades que pus em prática foram: jogo “25 de Abril”; e o jogo “Quanto custa?”.

No jogo “25 de abril”, os alunos começaram por ver duas vezes um vídeo relativamente à revolução do dia 25 de abril de 1974. De seguida, dividi a turma em vários grupos e preparei a sala de forma a poderem começar a jogar o jogo que tinha planificado. O mesmo consistia no jogo da Glória adaptado, onde os alunos lançavam o dado e andavam o número de casas correspondentes. Em cada casa tinham que responder a uma pergunta. O primeiro grupo a chegar à meta, ganhava. No fim do jogo, coloquei a música “Grândola, vila morena”, onde os alunos começaram imediatamente a cantá-la, o que me deixou admirada com a reação, pois apesar de já saber previamente que eles a conheciam, surpreenderam-me, pois já sabiam a letra de cor.

A meu ver é fundamental que os alunos conheçam bem um evento tão importante para a história do seu país e também da sua cidade. Assim e tal como Junior & Saraiva (s.d:481) refere “conhecer a história da cidade e seu processo constitutivo é saber que cada individuo faz parte deste processo como ser ativo. É o caminho para a criança de uma identidade, primeiramente para com o seu local, depois regional e finalmente atingir a identidade nacional. (...) Para o aluno, pode ser a oportunidade de um entendimento distinto do mundo que o cerca, além da possibilidade de criação de laços íntimos com o espaço, na tentativa de se evitar a depredação de bens e locais públicos, nem como pensar a importância destes para a paisagem urbana e o espaço comum de convivência.”

Relativamente à segunda atividade, ou seja, o jogo “Quanto custa?” esta foi realizada utilizando uma folha de papel A4 dividida em 3 colunas onde os alunos tinham que escrever o nome do objeto projetado no quadro interativo, qual o preço estimado e depois o preço real. Depois de escreverem o preço estimado, os alunos deveriam representar utilizando as notas e as moedas que tinham a quantia apresentada. Com este exercício notei que os alunos não tinham qualquer perceção do preço dos produtos, já que diziam preços muito diferentes da realidade.

Relativamente à avaliação das minhas atividades penso que era bastante crítica, fazendo uma reflexão diária do que tinha acontecido de positivo e negativo durante o dia. Durante o estágio senti alguma dificuldade em que a turma se mantivesse em silêncio quando estava a realizar atividade em grande grupo. Para superar este obstáculo comecei por chamar a atenção de cada aluno; depois interrompia o que

estava a dizer e encostava-me ao quadro à espera que houvesse silêncio. Apercebi-me de que a última estratégia mencionada era a que resultava melhor já que os alunos que estavam a prestar atenção diziam aos restantes para sossegarem, pois a professora estava à espera para dar aula.

Ao longo das semanas de intervenção procurei melhorar o meu desempenho utilizando várias estratégias que favorecessem a aprendizagem dos conteúdos planificados para os alunos. A meu ver, a exposição é um método que possibilita ao professor transmitir a informação de uma forma ordenada, atualizada e sintética e de proporcionar a compreensão dos conteúdos. Normalmente a exposição oral dos conteúdos é o método mais frequente, mas reconheço que este pode levar ao desinteresse e à desatenção dos alunos, pois estes têm acesso a meios de comunicação muito diversificados. Assim, durante a apresentação dos conteúdos utilizei diversas técnicas de informação e comunicação pois, para mim, o ensino deve ser realizado de uma forma motivadora que estimule o interesse dos alunos.

Este estágio foi, para mim uma mais-valia, pois foi-me possível contactar e intervir pela primeira vez com alunos do 1º ciclo e a partir daí conhecer as diferenças existentes entre o pré-escolar e o 1.º ciclo, desenvolvendo assim o gosto e a aptidão por este último.

### **1.3. Creche**

#### **1.3.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças**

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância e ao longo do estágio de intervenção, frequentei uma creche no Parque das Nações, situada no concelho de Lisboa. Era uma instituição particular pertencente à freguesia de Santa Maria dos Olivais.

A instituição tinha em funcionamento as valências de creche e jardim-de-infância.

Relativamente aos espaços interiores, estes eram constituídos por três salas de creche, três salas de jardim-de-infância, um corredor, uma portaria, um gabinete, uma cozinha, uma sala do pessoal, duas casas de banho para crianças (sendo uma direcionada para a valência de creche e a outra, onde as retretes eram mais altas, para a valência de jardim de infância), duas casas de banho para adultos, um refeitório, uma cave, um ginásio e o espaço exterior.

Relativamente ao espaço exterior, este estava dividido, sendo que de um lado situava-se a parte direcionada para a valência de creche que possuía uma casa de plástico, quatro carros para uso das crianças e um complexo infantil com um escorrega, um corredor e um túnel. No lado do jardim-de-infância, o espaço era maior, sendo que existia uma casa de plástico, baloiços, um escorrega e dois complexos semelhantes ao do espaço de creche.

A sala que acompanhei enquanto estagiária era um espaço retangular, com boa luminosidade natural e bem arejada devido à dimensão das janelas. A sala estava dividida em diversas áreas de interesse separadas por três armários que permitiam uma boa arrumação dos materiais e ainda delimitavam o espaço. Segundo o Projeto Pedagógico de Grupo, a organização da sala encontrava-se dividida em diferentes áreas de interesse, onde se destacavam: a área de acolhimento/ área da biblioteca, área dos jogos de chão, área da higiene, área dos jogos de mesa, área da casa, área do puf. É significativo referir que, segundo a educadora cooperante, o espaço ao longo do ano ia sofrendo alterações para que se adaptasse às necessidades das crianças já que “A organização da sala permite que as crianças apliquem as suas capacidades e competências, tomem decisões e realizem escolhas, o que potencia o seu desenvolvimento integral.” (Projeto Pedagógico de Grupo, p. 13)

Para Hohmann & Weikart (2011: 181-182) “as áreas pensadas e organizadas especificamente para a aprendizagem ativa permitem aos adultos observar e interagir com as crianças. Uma vez que o ambiente está organizado de forma a que estas escolham as suas brincadeiras, os adultos ficam livres das funções diretivas, de entretenimento ou de controlo das crianças; em vez disso, passam a concentrar-se no apoio a dar às brincadeiras das crianças e à sua capacidade de resolução de problemas. As crianças podem explorar, construir, imaginar e criar, porque têm à sua disposição uma variedade grande de materiais para escolher, manipular, e sobre os quais podem falar com colegas e adultos.”

O grupo que acompanhei era constituído por dezasseis crianças, das quais oito eram do género masculino e oito do feminino, com idades compreendidas entre os vinte e três e os trinta e quatro meses. No grupo, não existia nenhuma criança assinalada com qualquer necessidade educativa especial, apesar de haver uma que estava a ter sessões de avaliação. A meu ver, as crianças eram curiosas, brincalhonas e divertidas, tinham a tendência para brincarem sozinhas, pedindo por vezes ao adulto que as auxiliasse, deixando que este entrasse na brincadeira. Outra característica que também observei foi o “senso de posse” próprio desta

faixa etária, em que quando uma criança tinha algo que a primeira queria, esta não hesitava em tirar-lhe puxando e/ou batendo, até conseguir o pretendido, utilizando com frequência a expressão “é meu”. O grupo possuía duas crianças que, por vezes, fugiam e uma outra, que nalgumas situações, não permitia que a educadora realizasse a atividade planificada, pois queria uma atenção individualizada.

O grupo a que diz respeito esta caracterização, demonstrava variados interesses em diversos tipos de atividades, como por exemplo massa de cores, espuma de barbear, área da casa, área da garagem, área dos jogos de mesa e área da biblioteca, manifestando grande atenção aos livros que lá se encontravam.

A instituição tinha como Projeto Educativo o tema “O Teatro”. O presente projeto ainda não tinha os objetivos e as estratégias delineados. Todavia, o teatro, como forma de arte, promove e potencia as capacidades inatas da criança, já que e tal como afirma Arcoverde (s.d) “o teatro estimula o individuo no seu desenvolvimento mental e psicológico. Mas apesar disso, o teatro é arte, arte que precisa ser estudada não apenas em níveis pedagógicos mas também como atividade artística que tem as suas características como tal. (p. 602)” A presente autora também define que “O teatro contribui para o desenvolvimento da expressão e comunicação e favorece a produção coletiva de conhecimento da cultura, seja ele no valor estático ou educativo.” (p. 609) O Projeto Educativo tinha ainda como objetivos respeitar a individualidade de cada criança, atendendo às suas competências, necessidades e dificuldades; conhecer a família de cada criança para que a possa perceber melhor e estabelecer uma ação educativa complementar; criar situações lúdicas que permitam situações de avanços e recuos no próprio desenvolvimento (da criança), condição essencial para a consolidação do crescimento.

Como estagiária e futura educadora de infância, o período de estágio foi benéfico, com uma boa integração na comunidade escolar. Relacionei-me de uma forma positiva com todos os funcionários do estabelecimento, respeitando a função de cada um, dialogando com estes e colaborando, sempre que possível, no que me era solicitado. Ao longo do estágio fui aprendendo e observando onde se encontravam os materiais, onde os devia arrumar e a utilidade que lhes podia dar. No final do estágio já me encontrava mais autónoma na recolha de materiais e na organização da sala de atividades e das suas rotinas.

### 1.3.2. Percursos do desenvolvimento profissional

Para Post e Hohmann (2007:34/35), o educador deve ser carinhoso; deve mostrar interesse pelas brincadeiras das crianças apreciando as ações e explorações das crianças; o adulto transmite calor, respeito e emoções partilhadas onde o adulto reconhece os sentimentos da criança desde a satisfação até à negação. Todas estas qualidades num educador levam a que seja possível construir uma relação de confiança entre ele e a criança, relação esta que será fundamental para o crescimento e desenvolvimento de cada criança.

Para a minha construção profissional, considero que uma das aprendizagens mais enriquecedoras nesta valência foi o facto de ter tido a oportunidade de criar e aplicar um projeto. Tendo em conta a observação realizada durante as primeiras semanas de estágio, assim como as sugestões propostas pela educadora, decidi elaborar e organizar o meu projeto de acordo com o tema da sala “Os transportes”. Desta forma, o meu tema estava intitulado como “Histórias em Movimento”. A escolha deste tema deveu-se ao facto de a criança nesta faixa etária apreciar histórias que tenham movimento, em que a todo o momento apresentem situações novas, movimentos inesperados, peripécias, ações que estimulem o pensar, o imaginar, o desenhar, o *musical*, o representar e o *corporizar*, em suma, situações que a ajudem a explorar e a perceber o seu novo mundo, em movimento e interação. Com o intuito de alcançar os interesses e de dar resposta às necessidades das crianças, o presente projeto tinha como objetivos desenvolver a aquisição da linguagem; descobrir o próprio corpo e as suas possibilidades de movimento; descobrir o mundo que as rodeia; despertar a curiosidade e o sentido da descoberta como forma de aprendizagem; estimular os vários sentidos como forma de conhecimento do mundo em redor; estimular a expressão corporal como forma de comunicação; desenvolver a socialização; estimular a imaginação, a criatividade e a fantasia; aprender a lidar com os diferentes sentimentos. A área de Expressão e Comunicação era a que mais se destacava ao longo deste projeto, pois sei que, através de atividades lúdicas, é possível desenvolver nas crianças aprendizagens do mundo que as rodeia, estimulando a sua imaginação e a compreensão da mesma. As várias formas de contar histórias origina na criança diversas formas de sentir e de participar; dão origem a experiências e a descobertas como a do próprio corpo. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (2016:47) “A Área de Expressão e Comunicação é a única em que se distinguem diferentes domínios, que se incluem na mesma área por terem uma íntima relação entre si e constituírem formas de linguagem indispensáveis

para a criança interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia.”

Durante a concretização do projeto “Histórias em Movimento” tentei criar várias atividades que fossem motivadoras para as crianças, para que elas participassem com gosto e de uma forma divertida. Algumas das atividades que pus em prática foram: “um desenho ao som da música” e “Sem Rumo pelo Mundo, Catarina e o Urso”.

Na atividade do desenho ao som da música esta foi realizada utilizando lápis de cera e papel de cenário, o que proporcionou momentos divertidos às crianças e trabalhos bastante originais. Nesta atividade, foi pedido às crianças que, deitadas no chão, pintassem ao som da música. Para isso, comecei por colocar uma música de relaxamento e quando a interrompi, propositadamente, as crianças não tiveram uma grande reação, sendo que foi necessário algum tempo para que estas se apercebessem que a música já não estava a tocar. Quando toquei a música portuguesa “Ó malhão, malhão”, as crianças pararam de desenhar e sentaram-se com um ar espantado para tentarem perceber o que se estava a passar. Quando se aperceberam que a música tinha mudado e que era um ritmo diferente continuaram a desenhar e quando alterei novamente para a “Minha casinha” de Xutos e Pontapés, o grupo percebeu que era uma nova música que estava a tocar, mas já não ficou tão espantado como na passagem da música de relaxamento para a música popular.

Na segunda atividade comecei com a leitura da história “Sem Rumo pelo Mundo, Catarina e o Urso” de Christinane Pieper. De seguida, convidei as crianças a seguirem-me, pois também iríamos fazer um percurso como o da história “cheio de imprevistos e dificuldades”. Para tal fui com o grupo para o ginásio onde cada criança tinha que subir a um banco, atravessá-lo, pisar os 5 arcos que se encontravam no chão, passar por dentro do túnel e fazer o percurso por cima dos colchões próprios para o efeito.

Quando as crianças começaram o percurso, estas não demonstraram medo mas sim entusiasmo e foi-me possível observar que, na sua maioria, o grupo seguia o sentido correto do percurso.

Relativamente à avaliação das minhas atividades penso que era bastante crítica, avaliando o meu desempenho, dando ênfase aos fatores mais positivos e negativos que tinham ocorrido durante o dia, tentando melhorá-los ou corrigi-los. Durante o estágio senti alguma dificuldade em saber como reagir perante algumas situações, como por exemplo, quando existia uma disputa entre duas crianças por um objeto, que papel é que o educador deve ter perante esta situação? Para superar este obstáculo comecei por conversar com a educadora cooperante, sendo que esta referiu que deve

observar-se primeiro as crianças para ver se estas conseguem resolver o conflito entre si e só depois, se necessário, intervir. Se for esse o caso, e segundo Hohmann e Weikart (2011: 617/618) o adulto deve “abordar a situação com calma; reconhecer os sentimentos das crianças e recolher informação; definir o problema de acordo com aquilo que as crianças dizem; pedir ideias e soluções; repetir a/as soluções e pedir às crianças que tomem decisões sobre aquela a pôr em prática; encorajar as crianças a levarem à prática as suas decisões; estar preparado para dar apoio no seguimento dos acontecimentos.”

No entanto, para mim, este estágio, apesar de ter sido de curta duração, foi uma mais-valia para a minha aprendizagem já que me foi possível desempenhar um papel significativo que associasse o educar e o cuidar, interligando-se com a aprendizagem e o desenvolvimento.

#### **1.4. 1º Ciclo do Ensino básico (4º ano de escolaridade)**

##### **1.4.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças**

No âmbito do segundo estágio de intervenção em 1º Ciclo, frequentei uma turma de 4º ano numa escola pública, na freguesia de São Salvador, concelho de Santarém. A instituição estava inserida num meio local predominantemente habitacional.

Este estabelecimento de ensino pertencia ao Agrupamento de Escolas Sá da Bandeira.

É importante referir que existia apenas uma entrada para o edifício que depois se dividia em dois blocos independentes: de um lado existia o jardim-de-infância, constituído por 4 salas; do outro lado a parte destinada ao 1.º ciclo que era constituída por 8 salas com bastante espaço e arrumação para a organização de material. Para além do tradicional quadro branco de parede, em cada sala de aula existia um quadro interativo e um computador portátil com acesso à internet, ambos os recursos bastante preciosos para a aprendizagem dos alunos e para uma melhor dinamização das aulas por parte do professor.

Para além das 8 salas de aula, a instituição ainda possuía outras salas destinadas a apoios educativos de crianças com dificuldades de aprendizagem, uma sala para os alunos com Necessidades Educativas Especiais, uma sala de Terapia da Fala, uma sala de informática, uma biblioteca, um ginásio e um refeitório.

No espaço exterior existia um pátio com um pequeno parque infantil e um campo de futebol vedado por uma rede.

A sala de aula onde realizei o estágio caracterizava-se por ser um espaço bastante amplo, com uma parede envidraçada e por isso com boa luminosidade natural e bem arejada devido à dimensão das janelas. O mobiliário encontrado na sala eram dois grandes armários com materiais diversos, duas estantes, cadeiras e mesas adaptadas à faixa etária do grupo, uma secretária que pertencia à professora titular; um computador, um projetor, um quadro interativo e um quadro magnético.

“O espaço físico da sala de aula possui elementos que, conforme a sua organização, constituem um determinado ambiente de aprendizagem que irá, conseqüentemente, condicionar a dinâmica de trabalho e as aprendizagens que aí se poderão efetuar. Ele deverá estar organizado tendo em vista a atividade a ser desenvolvida, pois constitui o elemento que condiciona mais claramente a estrutura do espaço.” (Forneiro, 2008 cit in Teixeira, 2012:169)

Relativamente à turma na qual estive a acompanhar, esta era constituída por vinte e seis alunos, treze do género masculino e treze do feminino com idades compreendidas entre os nove e os onze anos de idade. No grupo, existiam quatro alunos assinalados com necessidades educativas especiais, sendo três alunos diagnosticados com dislexia e um com autismo.

Segundo o Projeto Curricular de Turma os alunos estavam globalmente preparados para trabalhar os conteúdos do ano de escolaridade; a maioria dos alunos tinha computador em casa; manifestavam interesse em aprender; relevavam espírito de ajuda; mostravam bom domínio da língua portuguesa (escrita e oral); os alunos apresentavam sempre o material necessário; os alunos eram autónomos na realização das tarefas. Segundo este documento as principais dificuldades dos alunos diziam respeito à acentuada falta de atenção, concentração e autodisciplina; ao facto de existirem níveis e ritmos de aprendizagem claramente diferentes; a turma apresentava dificuldades óbvias em português e em matemática; os encarregados de educação não aparentavam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos; acentuada falta de hábitos de estudo e métodos de trabalho; dificuldades de interação, de expressão oral e escrita que permitiam intervenções personalizadas; existiam alunos em risco de abandono escolar/ absentismo. (PT, 2015/2016:8)

Relativamente aos interesses e potencialidades da turma, de acordo com observações e partindo de conversas informais com a professora titular, foi-me possível observar e caracterizar a turma como sendo curiosa, calma, participativa, respeitadora, unida e competitiva, demonstrando preferência pelas disciplinas de Estudo do Meio e Expressões em detrimento das disciplinas de Português e Matemática.

O Projeto Educativo do Agrupamento “deverá ser entendido como um contributo para afirmar a diferença, descobrir os fundamentos da nossa cultura, estimular a emergência de uma cidadania adaptada às novas exigências; reforçar a solidariedade de grupo; estabelecer o diálogo edificante e pontes que nos levem ao encontro com o outro e promover um novo humanismo que a Educação deve ajudar a edificar com uma componente ética incontornável.” (PEA, 2014:4)

Tanto o Projeto Educativo do Agrupamento como o Projeto Curricular da Turma não possuíam um tema específico a ser trabalhado durante o ano letivo.

Relativamente à minha integração na comunidade escolar penso que esta foi sendo gradual e positiva, onde criei um relacionamento saudável com os docentes da mesma. Senti que toda a equipa esteve sempre disponível para me ajudar quando necessário, disponibilizando-se para me fornecerem os materiais necessários e para me auxiliarem em determinadas atividades. Esforcei-me sempre para ir ao encontro do que me estava a ser pedido, tanto dentro da sala de aula como nas atividades exteriores como foi o caso da visita de estudo a Lisboa onde orientei o grupo na entrada e na saída do Coliseu dos Recreios.

#### **1.4.2. Percurso do desenvolvimento profissional**

“Fazer aprender pressupõe a consciência de que a aprendizagem ocorre no outro e só é significativa se ele se apropriar dela ativamente. Por isso mesmo são precisos professores. Se a aprendizagem fosse automática, espontânea e passiva, o professor seria desnecessário. Se para aprender, bastasse proporcionar informação, seria suficiente pôr os livros nas mãos dos alunos ou disponibilizar-lhes hoje tecnologias de informação. Mas é justamente porque aprender é um processo complexo e interativo que se torna necessário um profissional de ensino – o professor.” (Roldão, 1999:114)

Durante este estágio não tive a oportunidade de realizar um projeto. No entanto, já que o estágio incidiu sobretudo no fim do primeiro período, a pedido da professora cooperante, colaborei nas revisões da matéria que tinha sido lecionada no primeiro período e também propus e trabalhei algumas atividades relacionadas com a época festiva que se vivia.

A professora cooperante utilizava o manual como auxiliar de trabalho e se por um lado o manual escolar é “o instrumento de trabalho, impresso, estruturado e dirigido ao aluno, que visa contribuir para o desenvolvimento de capacidades, para a mudança de atitudes e para a aquisição dos conhecimentos propostos nos programas em vigor, apresentando a informação básica, correspondente às rubricas programáticas,

podendo ainda conter elementos para o desenvolvimento de atividades de aplicação e avaliação da aprendizagem efetuada.” (Decreto-Lei nº 269/90, de 26 de novembro) por outro lado e tal como Condessa (2009 cit in Costa, 2012:36) afirma “A existência de ambientes lúdicos em situações de aprendizagem escolar permite que as crianças obtenham mais facilidade em assimilar conceitos e linguagens progressivamente mais abstratos. Os estudos de investigação têm demonstrado que as crianças que foram estimuladas a partir de contextos lúdicos obtêm maior sucesso e adaptação escolar de acordo com os objetivos pedagógicos perseguidos.”

Durante a prática profissional procurei utilizar as duas metodologias já que a professora cooperante solicitou diversas vezes para que eu realizasse com os alunos várias fichas do manual. Estas fichas eram realizadas individualmente por estes e posteriormente projetadas no quadro interativo e corrigidas em grande grupo.

Todavia tive a oportunidade de poder propor atividades mais interativas, em que com a minha supervisão, os alunos construíram uma árvore de natal individual utilizando rolos de papel higiénico, cartolina, papel de lustro, papel autocolante, canetas e lápis. Esta atividade foi realizada em dois dias. Os trabalhos finais foram todos muito diferentes e se houve alunos que, por terem habilidade para a expressão plástica, fizeram trabalhos surpreendentes, outros, apesar de terem mais dificuldades, investiram igualmente na atividade. Haigh (2010:90) debruça-se nesta problemática afirmando que ““O sucesso gera mais sucesso” é um adágio bem verdadeiro, mas neste caso é mais um *handicap*. Os alunos precisam saber que estão a competir com *eles mesmos* e ser incentivados a ignorar o sucesso dos outros. É o *seu* progresso que valorizamos e não o facto de não estarem a ter o mesmo sucesso de alguns dos outros alunos. Temos de ser sinceros, eles sabem que não estão a ter um nível de realização tão elevado como os restantes. A nossa estratégia é dar realce ao seu desenvolvimento relativo e elogiar os seus pontos fortes individuais noutras áreas.”

Também direcionado a este tema, conversei com os alunos sobre como passavam esta época festiva; projetei um vídeo que caracterizava o modo como o Natal era vivido em Portugal e em vários países do Mundo. No fim da visualização do filme solicitei que, em grande grupo, os alunos refletissem sobre quais as diferenças e semelhanças na forma como a época festiva era comemorada em Portugal e em cada um dos países referidos no filme. No fim da atividade, posso afirmar que os alunos gostaram bastante de a realizar, já que se mostraram muito atentos e interessados durante toda a projeção, questionando e comentando o que estavam a ver e a aprender sobre como o Natal é comemorado noutros países: Reino Unido, Timor-Leste, Holanda, Panamá, Islândia, Namíbia e Espanha.

Relativamente à avaliação das minhas atividades penso que era bastante crítica, fazendo uma reflexão mental diária do que tinha acontecido de positivo e negativo durante o dia. Durante o estágio senti alguma dificuldade em conseguir explicar os conteúdos que estava a abordar aos dois alunos com maiores dificuldades. Deparei-me várias vezes com o facto de ter que repetir a explicação e mesmo quando era um colega a explicar-lhes, este fazia-o sem sucesso, o que me levou a refletir sobre qual seria a melhor estratégia para resolver a situação. Apercebi-me que, sempre que possível, deveria fazer uma abordagem individual a cada um deles, sobretudo quando o restante grupo estava a fazer exercícios de consolidação de conhecimentos, ficando mais próxima destes, de forma a poder tirar dúvidas e a repetir os conteúdos que não tinham conseguido adquirir anteriormente.

Este estágio foi, para mim uma mais-valia, pois foi-me possível contactar e intervir pela primeira vez com alunos do 4.º ano que já têm uma postura muito diferente em sala de aula, pois cumprem mais as regras e têm um tempo de concentração maior. Também me apercebi que os conteúdos a lecionar são mais complexos e exigentes o que implica que o docente deve ter um conhecimento alargado sobre estes e deve saber utilizar as metodologias mais adequadas à sua aprendizagem. Para isso, durante a semana de observação comecei por estar muito atenta à forma como a professora titular abordava os vários conteúdos em sala de aula, de estudar e reler conteúdos dados na faculdade sobre metodologias e abordagens a aplicar. No entanto, senti que estes conhecimentos foram insuficientes, pois quando iniciei a minha intervenção em sala de aula, tive dificuldade em saber escolher e aplicar a metodologia mais indicada. Todavia não me é possível esquecer que “As sabedorias adquiridas são fundamentais para a minha formação como professor(a), só no campo é que conseguimos crescer e evoluir no sentido de nos tornarmos cada vez melhores profissionais.” (Crespi, 2014:19)

## **1.5. 1º Ciclo do Ensino básico (3º e 4º ano de escolaridade)**

### **1.5.1. Caracterização do contexto institucional e do grupo de crianças**

No âmbito do estágio de intervenção em 1º Ciclo (3º e 4º ano), frequentei uma turma de 3º e 4º ano numa escola pública, na freguesia São Nicolau, concelho de Santarém. A instituição estava inserida num meio local predominantemente rural.

Este estabelecimento de ensino pertencia ao Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano.

É importante referir que o edifício era constituído por dois andares, rés-do-chão e primeiro andar e um espaço exterior que gozava de três bancos, um repuxo, uma caixa de areia, um baloiço e um escorrega para as crianças brincarem.

No rés-do-chão havia a copa, várias dispensas (uma da cozinha e duas para arrumação de materiais), um refeitório, uma casa de banho junto à cozinha e outra casa de banho ao lado da sala de Pré-escolar direcionada para as crianças dessa sala. Também a sala do 1.º e 2.º ano do Ensino Básico se encontrava neste piso. No primeiro andar havia outra sala de 1.º Ciclo, com uma turma de 3.º e 4.º ano, duas casas de banho – uma para rapazes e outra para raparigas – e uma sala de apoio.

Segundo o Projeto de Turma a sala de aula onde realizei o estágio caracterizava-se por ser um espaço pequeno, com pouca luminosidade natural e pouco arejada, já que não era possível abrir as janelas existentes, A sala estava dividida em duas partes: as secretárias destinadas à turma de 3.º ano e as secretárias destinadas à turma de 4.º ano. A planta da sala formava dois U's, sendo que cada U correspondia a um ano de escolaridade. A sala possuía um armário e uma estante que permitiam a arrumação dos materiais e dos livros dos alunos.

Relativamente à turma na qual estive a estagiar, esta era constituída por vinte e dois alunos, treze do género masculino e nove do feminino, com idades compreendidas entre os oito e os onze anos de idade. No grupo, existia um aluno assinalado com necessidade educativa especial, nomeadamente a surdez.

No que diz respeito às aprendizagens, pelo que me foi possível observar e por aquilo que está descrito no Projeto Curricular de Turma, os alunos possuíam um elevado interesse nas aprendizagens de todas as áreas; cumpriam as regras em sala de aula com a professora titular; possuíam curiosidade e motivação para a aprendizagem; os grupos eram relativamente homogéneos por ano de escolaridade; mostravam prazer em jogar e brincar; gostavam de ouvir histórias; possuíam uma consciência cívica e cooperativa; eram autónomos e desenvolviam boas relações interpessoais.

No entanto, existiam três alunos que manifestavam dificuldades no cumprimento de regras, tanto no recreio como na sala de aula quando a professora titular não se encontrava presente, situação que acabava por interferir com os restantes alunos; também o facto de a turma ser constituída maioritariamente por elementos do sexo masculino afetava o comportamento coletivo já que levava a um maior ruído e a mais conflitos dentro da sala de aula. Alguns alunos tinham dificuldades de concentração e em manterem o silêncio. Consequentemente demonstravam dificuldades na ortografia, produção escrita, raciocínio, cálculo e na resolução de problemas. (PCT, 2015/2016)

Relativamente aos interesses e às potencialidades da turma, de acordo com observações e partindo de conversas informais com a professora titular, foi-me possível observar que esta incentivava a autonomia dos seus alunos criando atividades e hábitos que a promovessem como é o caso do quadro com a distribuição das tarefas em que os mesmos tinham, todas as semanas, tarefas específicas atribuídas, como a distribuição de todo o material escolar, a marcação na folha de presenças, e as funções de delegado de turma. Este quadro era alterado todas as semanas pela professora titular para que toda a turma tivesse oportunidade de participar nas atividades da sala.

Para colmatar as dificuldades encontradas no Projeto Curricular de Turma foi-me possível observar as estratégias que a professora titular utilizava de forma a melhorar o desempenho dos alunos: Através da implementação da leitura nos momentos em que os alunos não se encontravam a trabalhar, ou seja, quando o aluno acabava a atividade proposta era-lhe pedido que lesse o seu livro evitando assim momentos de distração e de maior ruído; através de exercícios das diferentes disciplinas escritos no quadro pela professora para que estes trabalhassem o raciocínio, o cálculo e a ortografia.

Relativamente ao Projeto Educativo do Agrupamento, este “deve constituir-se como um documento orientador que consagre as opções educativas, a organização institucional e os processos de avaliação do Agrupamento, no qual se explicitem os princípios e os valores, segundo os quais se propõe, enriquecido pela diversidade da população que abrange, cumprir a sua missão, que é efetivamente formar cidadãos aptos e produtivos, capazes de optarem pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa, por terem frequentado uma Escola onde se aprende a Aprender, a Fazer, a Estar e a Ser, através do Saber.” (PEA 2015: 14)

Tanto o Plano de Turma como o Projeto Educativo do Agrupamento não possuíam um tema específico. Este último, era considerado como sendo “o último e decisivo passo no sentido da contextualização da ação educativa. Assim, tem que se subordinar aos objetivos e orientações do Projeto Educativo (...) e adequar-se às características próprias de cada turma e dos alunos que a compõem, operacionalizando aqueles objetivos e orientações.” (PEA 2015: 25)

Apesar de não haver um tema a ser posto em prática durante o ano letivo, foi-me possível observar que a instituição procurava criar nas crianças hábitos de alimentação saudável através da implementação da fruta e salada ao almoço.

No que respeita à minha integração na comunidade escolar penso que esta foi bastante positiva, na medida em que todo o pessoal docente e não docente acolheu-

me de uma forma calorosa mostrando-se sempre disponível para resolver alguma dúvida ou pedido solicitado como por exemplo quando pedi que guardassem pacotes de leite para uma atividade que iria fazer com os alunos. Durante as semanas de prática pedagógica procurei conhecer melhor os espaços interiores e exteriores da instituição para que me fosse tornando mais autónoma na preparação das atividades e no decorrer das tarefas do dia-a-dia.

### **1.5.2. Percurso do desenvolvimento profissional**

No que diz respeito ao professor primário, penso que este possui uma elevada importância para o crescimento da criança a todos os níveis, já que para além do professor iniciar a criança na aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática também lhe vai ensinar outros valores fundamentais para o seu crescimento como o respeito pelo outro, a interajuda, as relações interpessoais, a aprendizagem utilizando outros materiais sem ser aqueles a que ela está habituada... Desta forma, para Guinote (cit in Wong 2011:17) os professores do 1.º ciclo “são muita coisa, cada vez se pretende que sejam mais, generalistas, especialistas, firmes, flexíveis, rigorosos, compreensivos, imunes às pressões mas atentos ao que os envolve, disciplinados mas estimuladores da crítica e da criatividade. (...) Por vezem falham. (...) Os professores são humanos. E essa é a sua maior qualidade.”

Para a minha construção profissional, considero que uma das aprendizagens mais benéficas nesta valência foi o facto de ter tido a oportunidade de elaborar e aplicar um projeto. Durante os dias de observação, numa turma de 4.º ano e em conversa com a professora titular, fiquei a saber que parte dos conteúdos que iria lecionar estavam relacionados com um conhecimento mais detalhado de Portugal no mapa da Europa e do Mundo, assim como algumas das suas características físicas. Assim, optei por elaborar e organizar o projeto baseado no tema da mesma. Desta forma, o meu projeto estava intitulado como “Vamos conhecer Portugal!”. A escolha deste tema deveu-se ao fato de a professora titular me ter solicitado que, na disciplina de Estudo do Meio, lecionasse parte do bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços onde se inclui o contacto entre a terra e o mar e os aglomerados populacionais. Com o intuito de alargar o conhecimento dos alunos o presente projeto tinha como objetivos desenvolver a linguagem; descobrir o mundo que os rodeia; despertar a curiosidade e o sentido da descoberta como forma de aprendizagem; estimular os vários sentidos como forma de conhecimento do mundo em redor; desenvolver a socialização; apreender novos conhecimentos. A disciplina de Estudo do Meio era a que mais se

destacava ao longo deste projeto, pois pretendeu-se promover o conhecimento e a curiosidade dos alunos em saberem mais sobre Portugal, focando essencialmente o contacto entre a terra e o mar e as características dos aglomerados populacionais. De acordo com o Programa de Estudo do Meio (s.d: 102) “será através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto direto com o meio envolvente da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade bem como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão apreendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos.”

Durante a concretização do projeto “Vamos conhecer Portugal!” tentei criar várias atividades que fossem apelativas aos alunos, para que estes participassem o mais ativamente possível e não apenas como agentes passivos. Algumas das atividades que pus em prática foram: powerpoint sobre os aspetos da costa; e o jogo “O Farol do Saber”.

Na primeira atividade, comecei por projetar no quadro interativo várias imagens dos aspetos da costa portuguesa e solicitei aos alunos que descrevessem as imagens. Em cada slide, era apresentado o título, a imagem da forma da costa e o local onde estava situada. Os alunos tiveram que descrever o que a imagem apresentava. Só no fim foi projetado a definição do aspeto em questão. Os alunos participaram ativamente intervindo espontaneamente tentando chegar à definição correta através da observação.

Relativamente à segunda atividade, ou seja, o jogo “O Farol do Saber”, este era composto por um tabuleiro onde estava representado o “Farol do Saber” e por um conjunto de cartas com perguntas e com três hipóteses de resposta, sendo só uma a resposta correta. Os alunos do 4.º ano foram divididos em três equipas, sendo atribuída a cada equipa um peão que foi tirado à sorte. O jogo consistia em saber qual das equipas adquiriu mais conhecimentos sobre os conteúdos que tinham sido trabalhados em Estudo do Meio. Ganhava quem chegasse primeiro à janela do farol.

Este jogo permitiu fazer, de uma forma atrativa, a revisão dos conteúdos, já que os alunos demonstraram interesse e participaram ativamente, pedindo com insistência para jogarem. O jogo possui uma enorme importância já que este “pode ter uma utilização pedagógica com uma linguagem universal e um poder robusto de significação nas estratégias de ensino-aprendizagem. A existência de ambientes lúdicos em situações de aprendizagem escolar permite que as crianças obtenham mais facilidade em assimilar conceitos e linguagens progressivamente mais abstratos. Os estudos de investigação têm demonstrado que as crianças que foram estimuladas

a partir de contextos lúdicos obtêm maior sucesso e adaptação escolar de acordo com os objetivos pedagógicos perseguidos.” (Condessa, 2009 cit in Costa 2012:38)

Em relação à avaliação das minhas atividades penso que era bastante crítica, fazendo mentalmente uma reflexão diária do que tinha acontecido de positivo e negativo durante o dia, ou seja, da forma como tinha lecionado as aulas, as respostas dadas pelos alunos e a apreciação realizada pela professora cooperante no fim de cada dia de prática profissional. Durante as semanas de prática pedagógica senti algumas dificuldades em encontrar metodologias apropriadas para lecionar alguns conteúdos, pois apesar de ter feito várias pesquisas em brochuras, livros e internet, estas não me foram muito eficazes, pois são abordagens muito específicas já que alguns conteúdos devem ser trabalhados de uma forma muito minuciosa dependendo de fatores como: se os conteúdos a apresentar são mais ou menos atrativos para os alunos; se é a primeira vez que estes têm contacto com aquele tema, ir ao encontro da metodologia usada pela professora cooperante, pois durante toda a prática pedagógica pude constatar que cada professor tem uma metodologia muito própria e individual, o que dificulta perceber qual é a mais apropriada e em que contexto é que deve ser aplicada.

Nas atividades em que tinha dúvidas de como as deveria abordar, procurei pedir ajuda à professora cooperante e à professora orientadora.

Com o fim deste estágio e de toda a prática profissional sinto que cresci muito não só como profissional mas também como pessoa. Tive a oportunidade de observar, aprender e pôr em prática conhecimentos pedagógicos adquiridos ao longo da minha formação, que vão sem dúvida ser os alicerces para a minha prática profissional. Posso afirmar que, enquanto aprendiz, sou uma pessoa completamente diferente, pois inicialmente comecei os estágios com algumas inseguranças mas ao longo da prática pedagógica fui ganhando confiança nas minhas capacidades, o que permitiu melhorar o meu desempenho profissional e a minha relação com as crianças e restante comunidade educativa.

No capítulo seguinte será apresentado o meu percurso investigativo assim como a definição da problemática a investigar. Deste capítulo também constará a Revisão da Literatura, as metodologias e a análise os dados recolhidos para a realização do Estudo Empírico.

## Parte II

### 2. Revisão da Literatura e Estudo Empírico

#### 2.1 Definição do problema

O tema escolhido para o relatório final surgiu durante o segundo estágio, mas já me tinha suscitado interesse no primeiro período de prática profissional.

No primeiro estágio que vivenciei, o de jardim-de-infância, foi-me possível assistir a uma reunião de pais. A educadora da sala marcou a reunião para as 18 horas e esta terminou às 20 horas. O facto de a reunião ter sido iniciada às 18 horas é, a meu ver, muito positivo, pois permite que a maior parte dos pais esteja presente. Marques (2001: 117) defende que “o horário mais favorável para pais e professores costuma ser o período entre as 17 horas e as 20 horas. As reuniões à noite são desmotivadoras, particularmente no Inverno, e levantam problemas de segurança que podem afastar a participação dos pais. Uma vez fixado um horário para as reuniões, é bom mantê-lo, para que as pessoas se habituem a ele. As reuniões ao sábado são, igualmente, desmotivadoras porque os pais e professores gostam de gozar o fim-de-semana em liberdade.”

Nesta reunião, fui apenas espetadora, mas pude aperceber-me que a educadora tinha uma boa relação, tanto profissional como pessoal com os pais, pois o à vontade com que todos partilhavam ideias era bastante notório.

Esta reunião teve como principal objetivo informar os pais sobre o trabalho que a educadora e o grupo iriam desenvolver ao longo do ano letivo. Nesta reunião houve também oportunidade para conversar sobre a festa de finalista, a escolha do melhor local e a angariação de fundos para a sua realização. No final, a educadora disponibilizou-se para falar com os pais individualmente. Devido à relação que existia entre a educadora e os pais e à hora a que terminou a reunião, os pais foram embora sem necessitar de falar com a educadora.

No segundo estágio, o primeiro no primeiro ciclo, tive a oportunidade juntamente com o par de estágio de assistir à reunião de pais. Ao contrário do que vira na primeira reunião, a professora titular sentou-se a conversar com cada encarregado de educação, entregou-lhe a ficha de avaliação do seu educando, explicitando as dificuldades e facilidades de cada aluno.

A meu ver, nestas reuniões de pais com o professor, é importante analisar em conjunto a evolução da criança, a sua atitude perante o estudo, as regras e a disciplina, a sua relação com os companheiros. Por seu lado, os pais podem informar o professor sobre os aspetos mais particulares do filho, o seu caráter, as suas preferências, as suas preocupações e as relações afetivas que estabelece com eles. Esta troca de informações permite ter uma visão global do aluno, de como se processa o seu desenvolvimento, tanto em casa como na escola. Assim, a comunicação entre o professor e os pais, tal como o envolvimento na vida escolar dos filhos, é fundamental para a evolução do processo de aprendizagem das crianças.

“Uma reunião pode ajudar o professor a obter mais informação sobre os alunos, a estimular o apoio dos pais ao trabalho dos professores e ao estudo dos filhos, a desenvolver uma relação de confiança com os pais e a pedir a colaboração dos pais para certas atividades escolares. Com a participação nas reuniões, os pais ficam a compreender melhor o funcionamento da escola e podem comunicar as suas preocupações e sugestões para a melhoria da escola.” (Marques, 2001:50) Assim, e tal como Marques afirma, é muito importante para o professor proporcionar as reuniões individuais com os encarregados de educação, já que fica a conhecer a maior parte dos pais. Nesses encontros, ele pode perceber quais os pais que ajudam os filhos em casa, quais os que estão mais presentes, as dificuldades que alguns têm em relacionar-se com os filhos ou outro tipo de dificuldades que estejam a sentir naquele momento.

Nos restantes estágios, não me foi possível observar as reuniões de pais entre o professor titular e os encarregados de educação, pois durante a minha permanência essas reuniões não ocorreram.

Tendo como referência o que foi escrito anteriormente, formulei uma questão-problema:

**As reuniões de pais: qual a perspetiva dos pais e dos professores do 1.º ciclo do Ensino Básico?**

## **2.2 Reuniões de pais**

### **2.2.1 Perspetiva do Professor**

#### **2.2.1.1 A importância de comunicar com os pais**

A comunicação do professor com os pais é imprescindível para que o aluno tenha um bom desempenho escolar.

Por esta razão, é essencial que haja uma boa relação entre a escola e os pais para que seja possível haver uma partilha de informações que, por um lado, beneficie o desempenho do aluno na escola e, por outro, ajude na resolução de problemas que possam surgir ao longo do seu percurso escolar.

“Uma pessoa compreensiva tenta perceber o universo alheio, como se visse com os olhos dos outros, como se pensasse com a cabeça dos outros ou como se sentisse com o coração dos outros (...) A compreensão gera confiança e aproxima as pessoas.” (Estanqueiro, 1995:46/47)

Durante a prática pedagógica, foi-me possível observar que existem diversos tipos de pais: o pai atento e preocupado que vai à escola com regularidade, participa nas reuniões de pais e nas atividades da escola; o pai despreocupado que anda completamente abstraído dos problemas do filho; o pai que só vai à escola quando é convidado a ir; o pai ausente que não aparece nas reuniões, porque não tem tempo e não participa nas atividades já que não as considera importantes.

Quando os pais não têm tempo para estar com os seus filhos, deixando, por exemplo, de tomar as refeições em comum, isto leva a que as crianças sejam obrigadas a crescer com a ausência de referências culturais seguras. Esta ausência vai levar a que os professores sintam uma maior necessidade em criar programas que aproximem a família das escolas, contribuindo assim para que as crianças sintam que a família também faz parte integrante da comunidade escolar.

Quando os valores que a escola tem são os mesmos da família, a aprendizagem do aluno será realizada de uma forma mais natural. Quando pais e professores partilham a mesma linguagem e padrões culturais estes serão elementos facilitadores para uma melhor relação entre a escola e a família. Todavia, nas escolas existe cada vez mais diversidade cultural, o que pode levar a uma relação mais complexa entre pais e professores, assim como a dificuldades de adaptação por parte de alguns alunos.

“A competência dos professores consiste em aceitar os pais como eles são, na em sua diversidade!” (Perrenoud, 2000:117)

A escola pode ultrapassar os obstáculos à colaboração se começar a encarar os pais como parceiros que são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Os professores e os pais partilham responsabilidades na educação dos alunos e essa partilha deve valorizar aquilo que os une e eliminar o que os separa. Quando os pais colaboram com a escola, os professores beneficiam, porque essa colaboração tem um impacto positivo na aprendizagem dos alunos. Os pais também beneficiam, porque melhoram as suas competências como educadores e aprendem a conhecer melhor os seus filhos.

“A família e a escola são parceiros no processo educativo. A cooperação entre pais e professores, num clima de diálogo e respeito mútuo, promove a formação integral dos alunos.” (Estanqueiro, 2013:68)

#### **2.2.1.2 Reunião em grupo**

Com o objetivo de melhorar o diálogo com a família, o professor titular deve, no início e final de cada período letivo, procurar fazer reuniões com os encarregados de educação de forma a mantê-los sempre informados. No entanto, também poderá haver reuniões extraordinárias, sempre que as circunstâncias o exigiam.

As reuniões de pais “servem para dar a conhecer aos pais o aproveitamento e o comportamento da turma e eventuais decisões do conselho de turma em relação a todos os alunos.” (Estanqueiro, 2013:67)

A preparação da reunião é crucial para um bom desempenho. Primeiramente, é preciso redigir uma convocatória onde deve ser mencionada a ordem de trabalhos, a sala onde a reunião se vai realizar e a hora prevista para o início e o final desta. De seguida, o professor deve preparar uma sala onde haja privacidade, luz e espaço; definir claramente a finalidade da reunião; rever os registos escolares dos alunos para obter uma informação geral do seu passado escolar; preparar informação específica relativa à situação escolar atual do aluno; organizar a informação a apresentar aos pais de uma forma sistemática; preparar uma lista de perguntas a fazer aos pais; antecipar eventuais perguntas dos pais.

A preparação e a condução das reuniões devem ser bem planeadas para que o professor não mostre insegurança perante os pais. É importante que o professor estabeleça e mantenha uma boa comunicação, utilizando uma linguagem simples,

clara e acessível, numa atmosfera amigável, confortável, informal, livre de interrupções.

Durante a reunião, segundo Marques (2001:51) o professor deve ter alguns cuidados especiais: ser pontual; evitar sentar-se numa secretária; começar a reunião com agradecimentos aos pais; dar as informações pertinentes sobre o aproveitamento e o comportamento da turma; não monopolizar a palavra; escutar os pais e não tentar responder a meio das perguntas; não se irritar com as críticas personalizadas, mas também não se associar a elas; tomar notas; aceitar as sugestões com fundamento; fazer uma síntese da reunião, não ultrapassando o tempo fixado.

Por vezes, com receio de ficarem perdidos, alguns professores sobrecarregam os pais com informações e explicações, não permitindo que haja espaço para o debate. Isto leva a que os pais se sintam frustrados. Assim “uma reunião não é uma aula, mas não funciona sem um mínimo de estrutura, nem sem regras do jogo. Parece sensato lembrar o objetivo da reunião, os assuntos previstos, deixando a porta aberta a outros, alternar momentos de informação e possibilidades para perguntas e debates.” (Perrenoud, 2000:116)

Nestas reuniões, é sensato não falar de um aluno em particular. “Nem o diretor de turma deve referir-se em público a alunos concretos, nem os pais devem aproveitar a reunião para falar apenas dos seus filhos. Casos individuais são para tratar em encontros privados. Quem faz o contrário, faz mal.” (Estanqueiro, 2013:67)

### **2.2.1.3 Reunião individual**

Depois das reuniões gerais ou noutras ocasiões, é fundamental que o professor tenha reuniões individuais com os pais, para que estes possam pedir informações sobre a assiduidade, o comportamento e o aproveitamento dos filhos. É importante que os pais saibam se o educando tem uma boa relação com os colegas, se respeita os professores, se participa nas aulas com atenção ou se revela dificuldades em alguma disciplina. Estas reuniões individuais também permitem conhecer melhor a família e as suas necessidades.

Assim, estabelecer uma comunicação próxima e regular ajuda a ter uma perceção mais nítida dos sentimentos parentais, sendo importante salientar que esta comunicação não deve apenas acontecer para falar de preocupações, mas igualmente de sucessos. A grande parte dos erros de comunicação e de relacionamento que se

verificam, surgem porque pais e professores a maior parte das vezes só dialogam quando surgem problemas.

Para mim, é também importante que, nas reuniões de pais, a criança, por vezes, possa estar presente. Quando surgem conflitos, é necessário que o aluno se aperceba de que tem a possibilidade de expressar a sua opinião sobre o que está a acontecer. Assim se incentiva o diálogo entre professores, pais e aluno.

Também quando pais e professores estão preocupados com alguma situação e após a partilha de preocupações, pode ser benéfica a conversa com o educando, para perceber qual o seu sentimento face à situação.

“Se a criança sentir uma coesão de preocupações e atuações parentais e profissionais, sentir-se-á mais envolvida, protegida e, sobretudo, sente que recai sobre ela uma atenção dedicada à sua realidade” (Paiva, 2014:246)

Para Marques (2001:20), o envolvimento dos pais não traz só benefícios ao aproveitamento escolar dos alunos mas também “aumenta a motivação dos alunos pelo estudo; ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores; melhora a imagem social da escola; reforça o prestígio profissional dos professores; ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis, ou seja, incentiva os pais a serem melhores pais; da mesma forma estimula os professores a serem melhores professores.”

#### **2.2.1.4 Como gerir conflitos**

Os conflitos existem desde o início da humanidade, fazem parte do processo da evolução dos seres humanos e são necessários para o crescimento de qualquer sistema familiar, social, político e organizacional.

Na escola e nas reuniões de pais podem surgir conflitos que estão frequentemente relacionados com as expectativas que os pais criam da escola, do professor e do desempenho do seu filho. A relação entre pais e professor nem sempre é fácil e, muitas vezes, existe uma má comunicação entre as partes.

“As ideias podem ser discutidas. As pessoas não se discutem. Respeitam-se”. (Estanqueiro, 1995:47)

O professor deve utilizar estratégias de colaboração na resolução de conflitos, como a escuta ativa, e o diálogo.

Na escuta ativa, o docente deve ouvir de uma forma interessada e atenta o que lhe está a ser dito, mostrando sinais de aceitação e compreensão através de

comportamentos não-verbais como: expressões faciais e gestos acolhedores, contacto visual e uma postura corporal recetiva.

”A escuta ativa é a competência mais poderosa, interessante e útil que conheço para mediar conflitos. É um modo de estimular mudanças comportamentais nas pessoas. Quando as pessoas em conflito, se sentem ouvidas, tendem a mudar as suas atitudes em relação a si próprias e em relação aos outros. Sentem-se valorizadas, menos defensivas, menos autoritárias, mais flexíveis e mais abertas” (Paiva, 2014:65)

A escuta ativa faz também parte do diálogo, pois dialogar é falar e escutar.

No diálogo, a linguagem utilizada deve ser compreensível para os dois interlocutores; o professor deve ter uma linguagem adequada a cada um dos pais. Quando estabelece o diálogo, deve encorajar os pais a falarem em primeiro lugar, para descobrir todos os pontos de acordo possíveis. Se tentar compreender e respeitar o seu ponto de vista, será um elemento facilitador na concordância e colaboração destes.

Para Estanqueiro (1995:60), “ O diálogo é a única estratégia criativa, capaz de gerar entendimento, confiança mútua e cooperação.”

## **2.2.2 Perspetiva dos Pais**

### **2.2.2.1 Como veem as reuniões de pais e a relação com a escola.**

Infelizmente e durante muitos anos no nosso país, a relação escola-família era negativa, pois a escola só convocava os pais quando havia problemas e por isso os pais relacionavam-se com a escola de uma forma crítica ou desinvestida. Em geral, os pais também só solicitavam reuniões com o professor quando estavam pouco satisfeitos com os métodos ou conteúdos escolares e, muitas vezes, estavam ausentes quando as escolas os convocavam para as reuniões de pais, apesar de as mesmas serem feitas com pouca frequência. Quando eram convidados para assistir a atividades como as festas de Natal ou o Dia da Mãe/ do Pai eram meros espetadores. Esta relação provocava uma ligação nefasta entre a escola e a família e, por vezes, a ligação com a escola era difícil de estabelecer com alguns pais.

Também a cultura escolar não era compreendida pelos pais com níveis baixos de escolaridade. Havia muitos pais que tinham tido uma má experiência escolar e olhavam para a instituição com receio e desconfiança.

Atualmente, mais do que nunca, tanto os pais como os professores sentem que necessitam de trabalhar em conjunto para que as crianças tenham sucesso como pessoas e como alunos.

Ambas as partes devem incentivar essa relação através de práticas de envolvimento parental. Por um lado, as escolas devem promover oportunidades para a participação voluntária dos pais, mantê-los informados através de calendários ou jornais de atividades em que estes possam participar. Por outro lado, a maioria dos pais estão conscientes da importância em participarem em atividades que a escola lhes possa propor como apoio na biblioteca, em aulas de computador, leitura, pintura, falar de temas relacionados com a sua profissão, ajudar nos recreios, colaborar na concretização de atividades ou espetáculos artísticos.

“A realização de acontecimentos destinados à vinda dos pais à escola deve ter em conta o máximo da sua participação e não apenas o papel de espectador. Ainda que muitos não queiram ou não possam envolver-se de forma intensa, alguns estarão motivados e disponíveis e serão um ótimo exemplo para os outros mais passivos, desinformados ou receosos” (Marujo et.al., 2010:150)

Nas reuniões de pais, estes sentem que já têm uma maior abertura para dialogar com o professor, falando não só do que os preocupa e tentando em conjunto desenvolver estratégias para ajudar o seu educando, mas também mencionando os sucessos e ambições que este possa ter. No entanto, ainda há pais que estão pouco recetivos e não estão dispostos a que haja uma comunicação, um conhecimento mútuo ou o reconhecimento da sua importância. A estes pais o professor deve tentar chegar de outra forma.

Por vezes, as reuniões de pais e a comunicação escrita não são a melhor forma de o professor conseguir chegar aos encarregados de educação. Há pais que não dominam a língua portuguesa e não se sentem à vontade com a cultura escolar. Nestes casos, as visitas familiares parecem ser a forma mais apropriada de comunicar com os pais. Todavia, não cabe ao professor, por falta de tempo e de preparação académica ter esse papel. Este é da competência dos assistentes sociais e dos psicólogos escolares que, em paralelo com o professor, poderão visitar os pais, falar com eles no seu ambiente, dar-lhes a conhecer quais são os objetivos e as metas que a comunidade escolar propõem trabalhar com o seu filho, para facilitar-lhe uma melhor integração e reforçar aprendizagens.

Mesmo que inicialmente os pais possam interpretar de uma forma menos favorável este procedimento, a maior parte acaba por criar uma relação de confiança com a comunidade educativa, permitindo uma partilha de informações sobre o seu educando, que é, sem dúvida, um elemento facilitador na resolução de problemas e num percurso escolar mais favorável.

#### **2.2.2.2 Comunicar em família**

É no seio da família que a criança desenvolve potencialidades que lhe vão permitir ter um desempenho escolar favorável. Numa das reuniões de pais em que estive presente, uma mãe em conversa com a professora titular, depois de ter ouvido as dificuldades que a filha tinha na escola tanto de relacionamento com os colegas como de aprendizagem, perguntou à professora se não seria melhor pôr a filha numa “escola para burros”. Foi-me também possível observar, durante a prática pedagógica, que esta criança tinha uma má imagem de si própria, revelando uma autoestima muito negativa.

Estudos revelam que a criança vai construindo ao longo da vida uma imagem de si própria. Quando ela tem confiança em si própria, acredita que tem capacidades e desenvolve competências. Se a criança tem uma autoestima positiva, esta contribui para um bom desempenho escolar. Se ela gosta de si mesma, será capaz de desenvolver relações positivas com os colegas, os professores e com os pais.

Estanqueiro (1995:21) afirma: “Quem gosta de si cultiva relações humanas mais positivas, pois não vive dependente da aprovação dos outros nem receia as suas críticas. Quem gosta de si está mais disponível para gostar dos outros.”

A autoestima é moldada pela forma como os pais e as pessoas mais próximas se relacionam com a criança desde os primeiros tempos de vida. A construção da autoestima vai-se fazendo primeiramente na família e depois na escola. Um dos fatores condicionantes é sem dúvida a comunicação em família e mais tarde com a escola.

“A auto-estima precisa de se alimentar com gestos autênticos de confiança e não tanto com comentários de incentivo, mais ou menos falsos, de muitos pais ou de alguns professores em relação aos alunos.” (Sá, 2014:259)

A comunicação entre pais e filhos implica não só o diálogo, mas também gestos e ações que vão ajudar a criança a gostar de si mesma e a acreditar nas suas competências. Os pais devem demonstrar que a amam com manifestações de

carinho. Se a criança se sentir amada, mais facilmente gostará de si própria. Devem escutá-la com atenção e interesse, esclarecer dúvidas e partilhar opiniões. Valorizar não só o sucesso, mas também os esforços em que os pais deverão mostrar satisfação quando o filho faz esforços de melhoria ou se comporta de forma adequada. O elogio utilizado de uma forma pertinente, mesmo que seja dirigido a pequenos progressos vai estimular a criança a alcançar maiores conquistas.

Comunicar com os filhos acerca da escola demonstra o interesse dos pais pelas suas atividades na escola, dificuldades, gostos, relação com os colegas e professor. Mostrar à criança que a escola e o que ela lá faz é importante para os pais. “Saber comunicar é uma competência fundamental dos pais. O seu modo de comunicar influencia o modo como os filhos comunicam.” (Estanqueiro, 2013:37)

Uma boa comunicação entre a família e o professor facilita a adaptação à escola e a aprendizagem do aluno. Nas reuniões com o professor, os pais obtêm informações acerca do que o professor e a escola esperam do seu filho relativamente a questões de comportamento e ao processo de aprendizagem. Podem também receber ajuda sobre o modo de acompanhar o estudo dos filhos em casa. Para o professor, é uma forma de conhecer melhor o aluno, a família e as suas necessidades e de estabelecer objetivos comuns, de forma a desenvolver as potencialidades da criança.

*“As crianças transformam-se de dentro para fora da família e o mundo “pula e avança” de dentro da escola para fora dela. Mas só quando a família e a escola se emparelham nos mesmos objetivos, as revoluções acontecem.” (Sá, 2014:180)*

### 3. Recolha e análise de dados

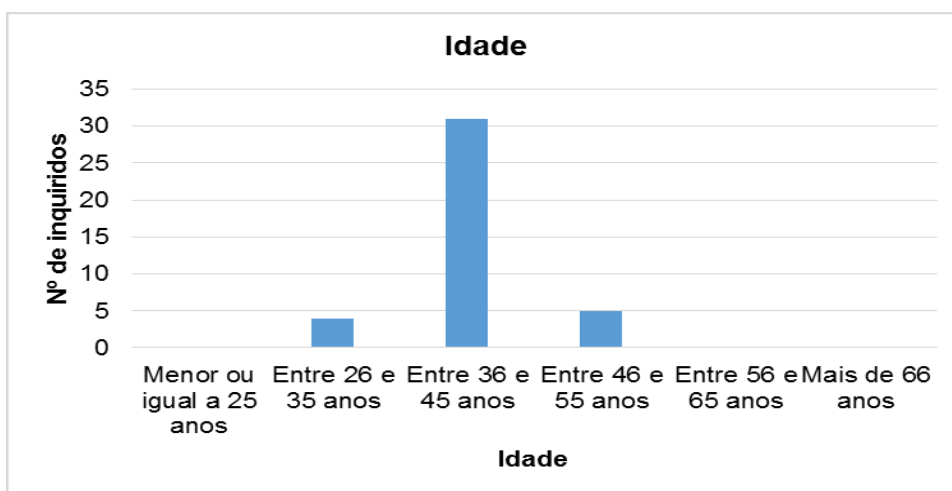
#### 3.1. Inquérito aos pais/ encarregados de educação

##### 3.1.1 Apresentação dos resultados

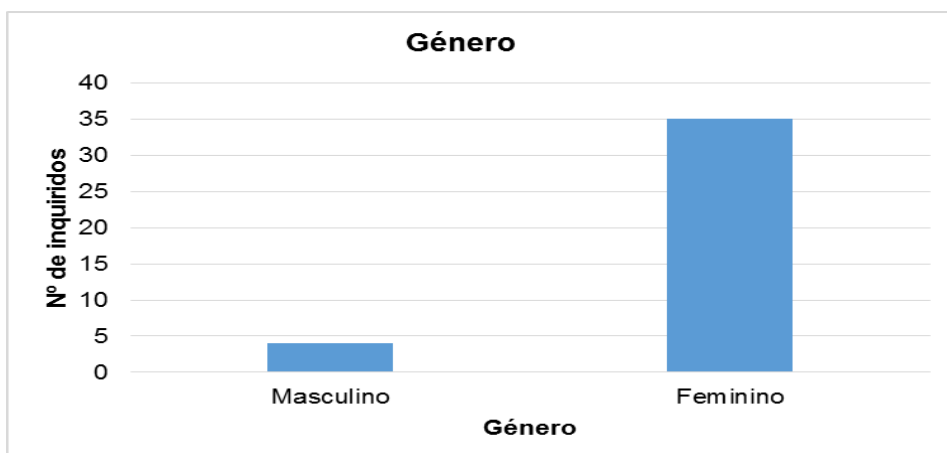
Fiz uma recolha de dados sobre o tema em estudo, junto dos pais/ encarregados de educação, através da aplicação de inquéritos. Os inquiridos foram 40 encarregados de educação de duas escolas do primeiro ciclo em Santarém, aqui identificadas como Escola L. e Escola S.

De seguida, são apresentados graficamente os resultados às questões do inquérito (ver anexo 1).

##### Questão 1



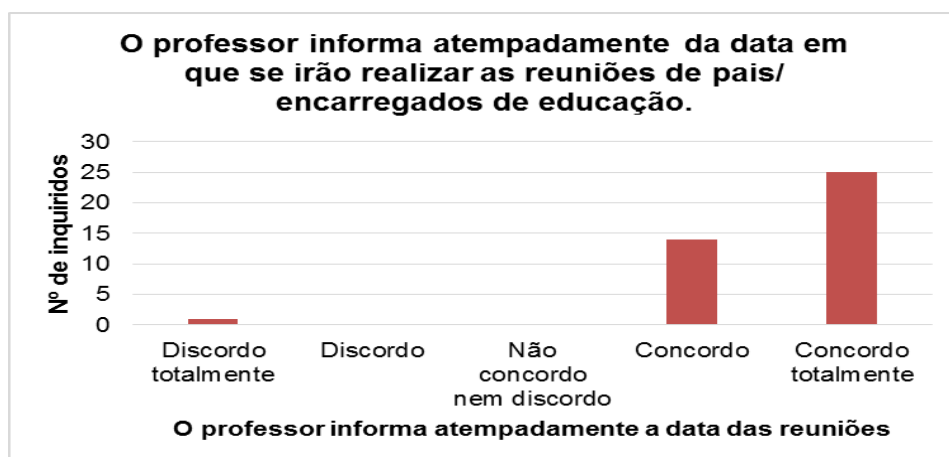
##### Questão 2



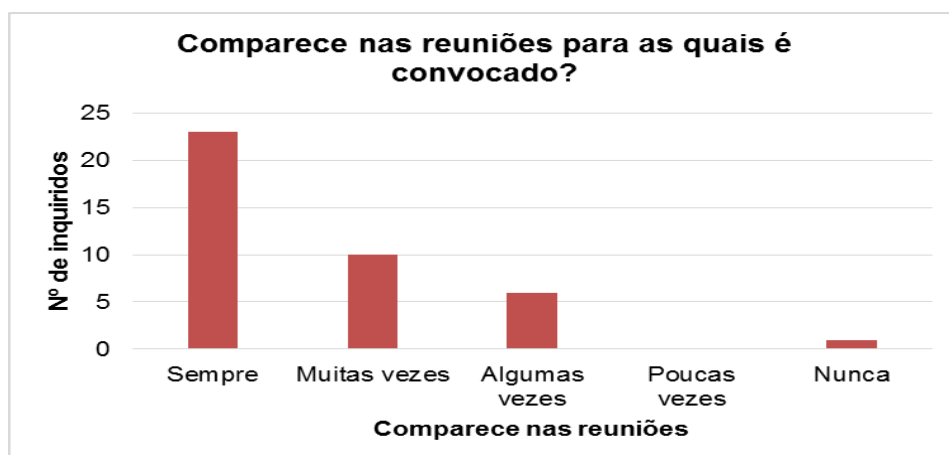
### Questão 3



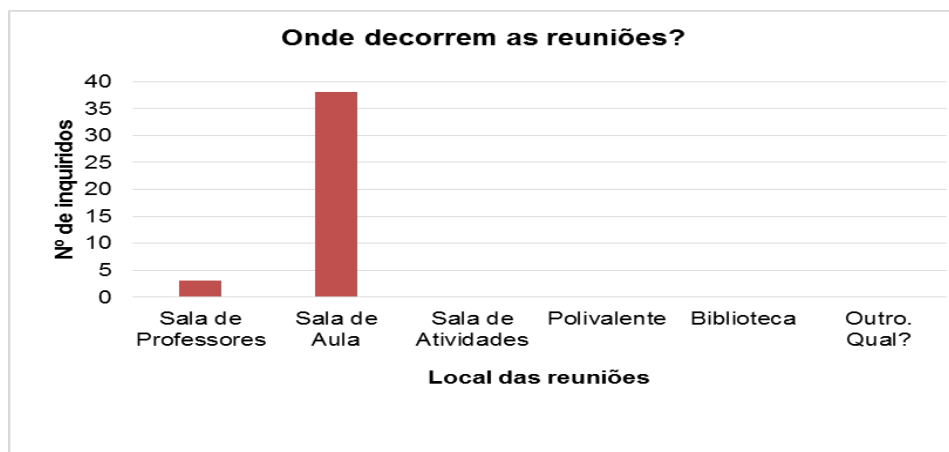
### Questão 4



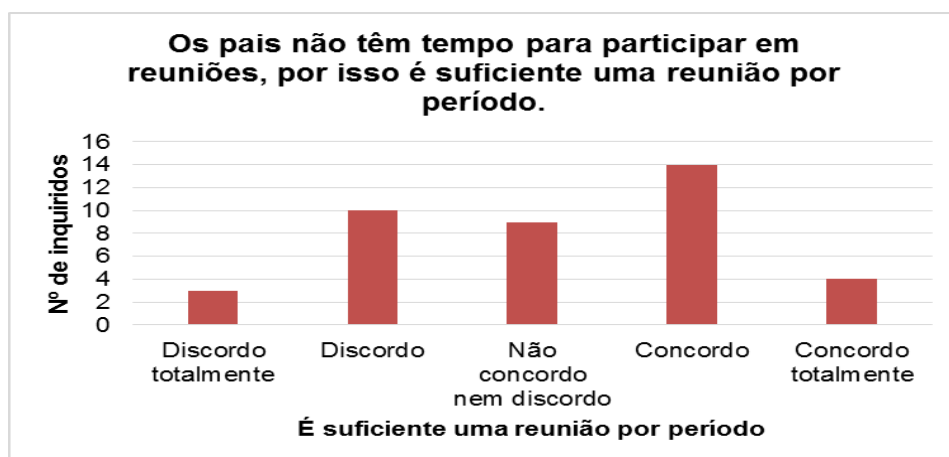
### Questão 5



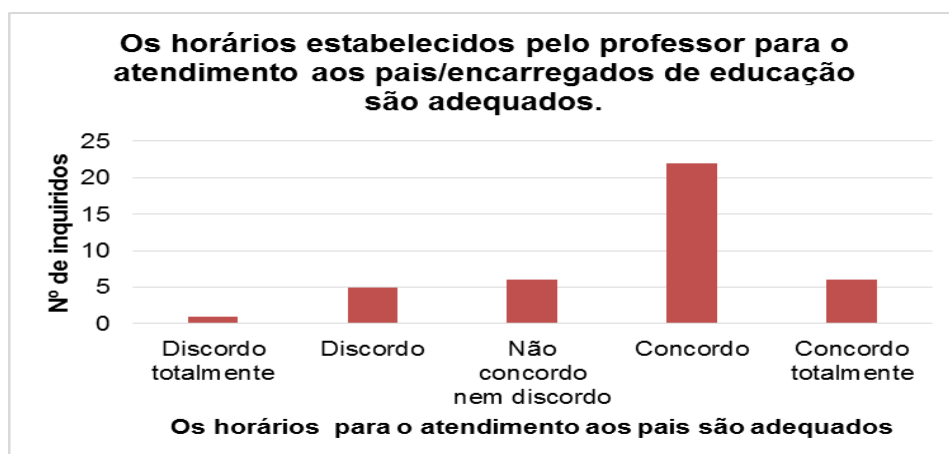
Questão 6



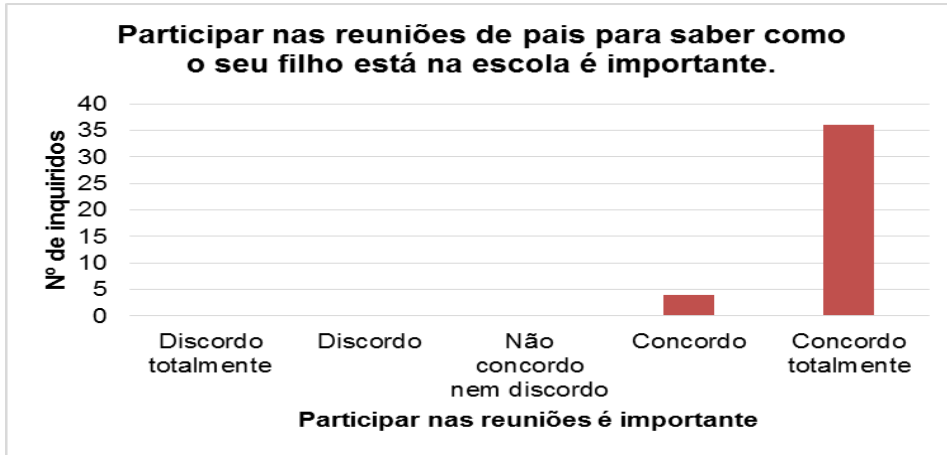
Questão 7



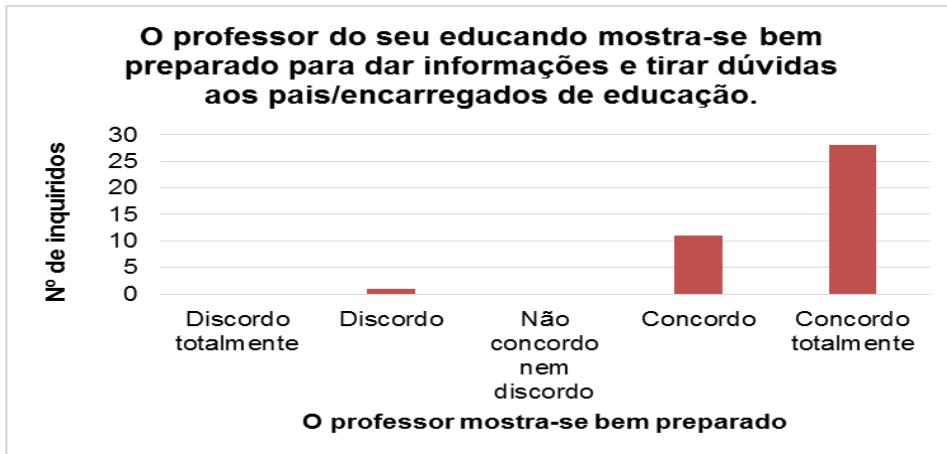
Questão 8



Questão 9



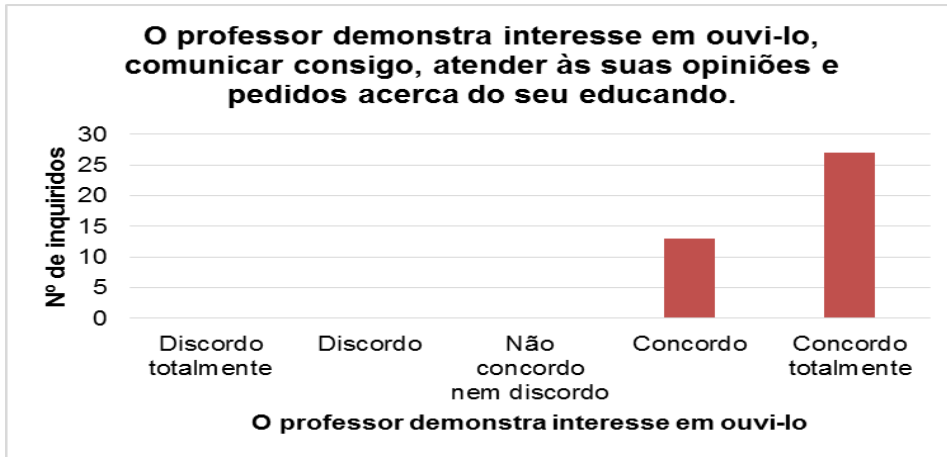
Questão 10



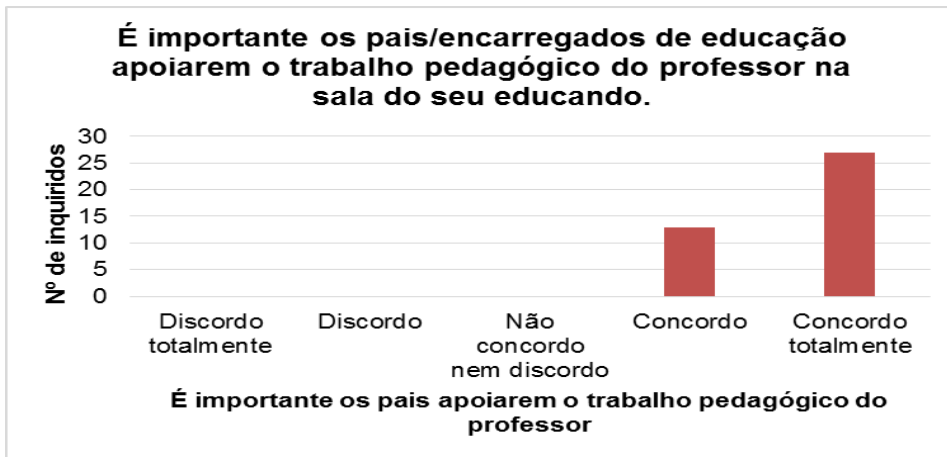
Questão 11



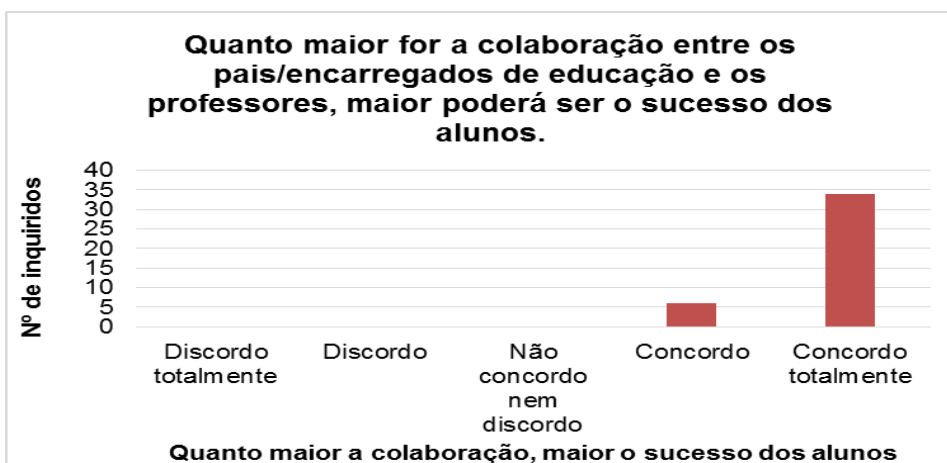
Questão 12



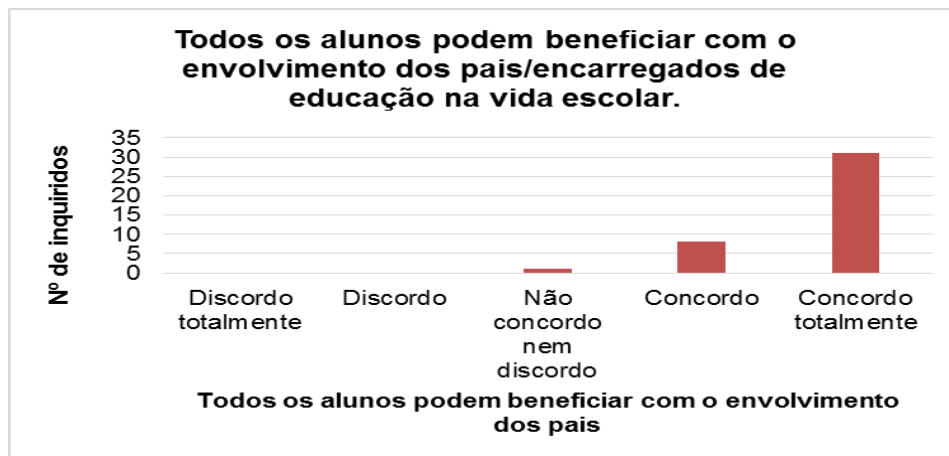
Questão 13



Questão 14



## Questão 15



### 3.1.2 Alguns comentários aos resultados dos inquéritos

As conclusões que se podem tirar da leitura dos inquéritos são por si evidentes, mas suscitam-me as seguintes reflexões:

- Quanto aos resultados na sétima pergunta, parece-me que estes mostram ainda uma falta de sensibilidade e de tempo por parte de alguns pais no que se refere às informações sobre a evolução ou as dificuldades do aluno, já que muitos pais afirmam ser necessário apenas uma reunião por período.
- Relativamente à oitava questão, verifico que, para alguns pais, a hora prevista para o atendimento aos pais nunca é adequada, qualquer que esta seja. Todavia, observei que na escola L, a professora titular marcava o atendimento aos pais às quartas-feiras entre as 16:00 e as 17:00 ou, se necessário, combinava um horário com o encarregado de educação, para poder atendê-lo. Na escola S., o horário de atendimento aos pais era à quinta-feira, entre as 17:00 e as 18:00 horas. A professora titular combinava previamente com os pais um horário em que ambos estivessem disponíveis.
- Nas últimas quatro questões (ver gráficos), é evidente a grande concordância da maioria dos inquiridos sobre as competências do professor, relativas à comunicação, à informação, à colaboração e ao benefício do aluno. Sublinho que este facto não me surpreendeu. Durante a minha prática profissional constatei que em ambas as instituições havia um forte relacionamento profissional entre as professoras titulares e os encarregados de educação.

### **3.1.3 Observações sobre as escolas onde foram realizados os inquéritos**

A escola L. encontra-se no centro da cidade e os inquéritos foram aplicados aos encarregados de educação de uma turma de 2.º ano. A escola S. situa-se na periferia e os inquéritos foram aplicados aos encarregados de educação de uma turma de 4.º ano.

Apesar destas instituições serem distintas, devido ao meio e ao ano de escolaridade dos educandos, não se observam nas respostas diferenças significativas que mereçam registo.

## **3.2 Entrevistas aos docentes**

Durante este estudo, foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas a professoras titulares de três escolas, duas públicas e uma privada, nos distritos de Lisboa e de Santarém, com o objetivo de saber a sua opinião sobre o tema em estudo, ou seja, as reuniões de pais.

Destaco especialmente a forma como as reuniões de pais são vistas pelas docentes. Mas também dou atenção a outros aspetos das experiências relatadas pelas nove professoras, durante as entrevistas.

### **3.2.1 Apresentação e análise das entrevistas aplicadas aos docentes**

A grande maioria das professoras, oito das nove, possui um percurso profissional vasto com uma média de dezoito anos de serviço e tendo como formação base a licenciatura.

No que diz respeito ao presente profissional, existe diferença no número de alunos por sala, já que as professoras da escola pública afirmam ter entre vinte e um e vinte seis alunos, enquanto na escola privada as turmas são mais reduzidas. Apenas as professoras da escola pública afirmam estar a lecionar numa turma com mais do que um ano de escolaridade.

Todas as professoras inquiridas defenderam que o envolvimento parental na escola é muito importante e contribui para a aprendizagem dos alunos.

*“Eu acho que é uma relação importante porque eu acho que, quando os pais mostram interesse em ajudar os filhos, os filhos também se mostram mais interessados e com mais vontade de melhorar.”* (P8)

No entanto, consideram existirem desvantagens quando há demasiado envolvimento dos pais na sala de aula. Por vezes, os pais não respeitam o trabalho do professor e intrometem-se nos assuntos da sala de aula, o que vai levar à necessidade de o professor gerir certas situações com mais subtilidade.

Oito das nove professoras afirmam conhecer todos os encarregados de educação, o que vai proporcionar uma melhor relação para ambos. A ligação escola-família, baseada numa relação de confiança, beneficia a aprendizagem do aluno.

A relação que as docentes têm com os pais é descrita como boa, sendo que a comunicação é feita, muitas vezes, pessoalmente ou por *email*.

Quanto à questão relacionada com o nível económico das famílias as respostas também são bastante semelhantes, já que todas as professoras concordam que famílias com níveis socioeconómicos mais baixos *“depositam muito menos expectativas na educação das crianças; de facto, envolvem-se muito menos e depois disso passa um bocado para as crianças também.”* (P5)

No que diz respeito às reuniões de pais, estas normalmente são realizadas na sala de aula trimestralmente. No entanto, existem diferenças entre a escola pública e a escola privada relativamente à forma como a reunião é estruturada. Na escola pública *“trimestralmente é em grande grupo. Pontualmente com [os] encarregados de educação individualmente.”* (P4)

Na escola privada, as professoras entrevistadas afirmam que a primeira reunião do ano é com todas as turmas do primeiro ciclo, e a última do último período também é feita entre a professora titular e o grande grupo. As restantes são individuais com a professora.

Na preparação das reuniões, existe uma ideia comum de que *“as de grande grupo [são] para todos, em que só se tratam de assuntos gerais da escola e da turma e há as individuais (...) onde só se tratam assuntos relativos àquele aluno.”* (P3). Na escola pública, os professores baseiam-se nas diretrizes enviadas pelo agrupamento e depois decidem outros aspetos que queiram tratar com os pais. Na escola privada, a reunião em grande grupo é preparada coletivamente pelo conselho escolar que inclui as professoras titulares e a diretora pedagógica.

Relativamente à presença dos pais nas reuniões, existe uma grande disparidade de respostas não só comparativamente entre a escola pública e privada como também nas respostas das professoras das escolas públicas. Na escola privada, as professoras afirmam que todos os pais estão presentes nas reuniões. Na escola pública, só metade das professoras afirma que os pais estão todos presentes nas reuniões. Há mesmo uma professora que diz: *“Não, habitualmente não comparecem todos os pais, nem nunca tal coisa me aconteceu.”* (P5)

A razão que leva os pais a não comparecerem nas reuniões está ligada com o desinteresse por parte destes, tanto relativamente ao desempenho do filho como aos restantes assuntos tratados na reunião. Também as questões laborais, impedimentos de urgência, falta de tempo, esquecimento e cansaço são outros fatores mencionados pelas professoras inquiridas.

Algumas das professoras afirmam que existem diferenças de género na forma como o encarregado de educação participa nas reuniões, concluindo que as mães são mais interventivas, gostam mais de participar e de dar a sua opinião; os pais são menos assíduos, mas mais diretos e pragmáticos.

Várias professoras asseguram que, algumas vezes, é o casal que está presente na reunião.

*“está o pai e a mãe presente na reunião, embora seja só um o encarregado de educação mas (...) nesta turma (...) vêm muito o pai e a mãe, portanto vêm juntos. E eu penso que isso (...) é muito bom tanto para o professor que sente o apoio, que sente que os pais estão envolvidos, tanto o pai como a mãe, como para o próprio aluno que tem cá a estrutura da família digamos assim.”* (P 9)

O tempo disponibilizado para acolher os pais e os encarregados de educação existe no horário das professoras, mas este nem sempre é cumprido, já que todas as professoras afirmam que muitas vezes recebem os pais fora do seu horário de atendimento, combinando um horário que seja benéfico a ambas as partes.

## Reflexão Final

A prática profissional realizada no Mestrado deu-me a oportunidade de aplicar aprendizagens teóricas adquiridas ao longo da minha formação académica. Permitiu-me também dar relevância a alguns aspetos, como as reuniões de pais, que são fundamentais para o envolvimento das famílias nas escolas e para um bom desempenho escolar do aluno.

Durante o trabalho de pesquisa, para além de aprofundar conhecimentos sobre a importância destas reuniões e qual o papel do professor, estudei outros fatores pertinentes na relação professor-pais, como as relações interpessoais e a gestão de conflitos. Um outro aspeto que despertou a minha atenção foi a construção da autoestima na criança e os fatores que a podem influenciar, pois esta tem um papel significativo na aprendizagem e na relação com os outros.

Com os inquéritos e as entrevistas a pais e professores, inteirei-me das opiniões destes, o que me levou a refletir na forma como vou abordar e conduzir mais tarde as reuniões de pais.

No meu percurso académico adquiri conhecimentos, desenvolvi aprendizagens, refleti sobre teorias e práticas pedagógicas, de forma a melhorar as minhas competências como futura profissional. Com persistência, fui superando algumas dificuldades que senti, pois a vontade de ser professora e educadora foram, sem dúvida, o maior estímulo para a minha formação.

## Referências bibliográficas

- Arcoverde, S. *A importância do teatro na formação da criança*. Fonte: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629\\_639.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.pdf). Consultado em 4 de abril de 2016
- Costa, C. (2012). *A Importância do Jogo no processo de Ensino e Aprendizagem de alunos com Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus, Portugal.
- Crespi, N. (2014). *Conceções sobre a reprodução nas Plantas (1.º Ciclo do Ensino Básico)*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. Faro: Escola Superior de Educação e Comunicação – Universidade do Algarve.
- Dolto, F. (1999). *As Etapas da Infância*. Lisboa: Pergaminho.
- Educação, M. d. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME.
- Estanqueiro, A. (1995). *Saber Lidar com as Pessoas*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estanqueiro, A. (2013). *Comunicar com os filhos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar*. Alfragide: Academia do Livro.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança* (6º ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Junior, C., & Saraiva, F. (s.d). *Conhecer para pertencer: O património cultural como caminho para uma maior percepção da história para 2º série do primeiro ciclo*. Ciclo. Documento não publicado.
- Marques, R. (1990). *A Escola e os Pais: Como Colaborar?* Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marques, R. (2002). *O Diretor de Turma e a Relação Educativa*. Lisboa: Editorial Presença.

- Marujo, H., Neto, L., & Perloiro, M. (2010). *A Família e o Sucesso Escolar*. Lisboa: Editorial Presença.
- ME. (s.d.). *Programa de Estudo do Meio do Ensino Básico*. Lisboa: DGIDC.
- ME/ DGE. (2013.). *Educação para a Cidadania – linhas orientadoras*. Lisboa: DGIDC.
- Monteiro, L. (2012). *A importância do trabalho cooperativo para um ensino autónomo na aula de Espanhol língua estrangeira*. Porto: Faculdade de Letras.
- Paiva, R. (2012). *Ensina o teu filho a estudar*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Paiva, R. (2014). *O segredo para alcançar o sucesso na escola*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Perrenoud, P. (2000). *10 Novas Competências para Ensinar*. Arimed.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em infantários* (4<sup>o</sup> ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Roldão, M. (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo*. Porto: Porto Editora.
- Sá, E. (2014). *Hoje, Não Vou à Escola!* Alfragide: lua de papel.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação - Bases Psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Teixeira, M & Reis, F. (2012). A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. *Revista Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro: Revista do Mestrado Profissional em Avaliação da Fundação Cesgranrio vol.4 nº 12. Pp.135-161.
- Turrioni, A. M. (2004). *O laboratório de educação matemática na formação inicial de professores*. Unesp: Rio Claro.
- Wong, B. (2011). *A Minha Sala de Aula é uma Trincheira - 10 Mitos sobre Professores*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

### **Legislação consultada**

Decreto-Lei nº 369/90 de 26 de novembro. *Diário da República*. Ministério da Educação.

## **Anexos**

## **Anexo 1 – Inquérito aos encarregados de educação**

## Inquérito

Este inquérito é aplicado no âmbito do meu Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico realizado na Escola Superior de Educação de Santarém.

Para o estudo empírico do meu relatório final, considero importante conhecer as perspetivas que os encarregados de educação têm relativamente às reuniões de pais no 1º CEB. Este Relatório Final é orientado pelo Professor Doutor Ramiro Marques.

Solicito que responda às questões de forma verdadeira e fidedigna.

É ainda importante referir que as respostas são confidenciais.

### **A- Caracterização do inquirido**

#### 1. Idade

|                          |  |
|--------------------------|--|
| Menor ou igual a 25 anos |  |
| Entre 26 e 35 anos       |  |
| Entre 36 e 45 anos       |  |
| Entre 46 e 55 anos       |  |
| Entre 56 e 65 anos       |  |
| Mais de 66 anos          |  |

#### 2. Género

|           |  |
|-----------|--|
| Masculino |  |
| Feminino  |  |

#### 3. Habilitações Literárias

|                        |  |
|------------------------|--|
| 1º Ciclo (4º ano)      |  |
| 2º Ciclo (6º ano)      |  |
| 3º Ciclo (9º ano)      |  |
| Secundário             |  |
| Bacharel               |  |
| Licenciatura           |  |
| Mestrado/ Doutoramento |  |

## B – As reuniões de pais

4. O professor informa atempadamente da data em que se irão realizar as reuniões de pais/ encarregados de educação.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

5. Comparece nas reuniões para as quais é convocado?

|               |  |
|---------------|--|
| Sempre        |  |
| Muitas vezes  |  |
| Algumas vezes |  |
| Poucas vezes  |  |
| Nunca         |  |

6. Onde decorrem as reuniões?

|                     |  |
|---------------------|--|
| Sala de Professores |  |
| Sala de Aula        |  |
| Sala de Atividades  |  |
| Polivalente         |  |
| Biblioteca          |  |
| Outro. Qual?        |  |

7. Os pais não têm tempo para participar em reuniões, por isso é suficiente uma reunião por período.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

8. Os horários estabelecidos pelo professor para o atendimento aos pais/encarregados de educação são adequados.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

9. Participar nas reuniões de pais para saber como o seu filho está na escola é importante.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

10. O professor do seu educando mostra-se bem preparado para dar informações e tirar dúvidas aos pais/encarregados de educação.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

11. Nas reuniões de pais/ encarregados de educação, o professor aborda os assuntos mais relevantes relativamente ao seu educando.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

12. O professor demonstra interesse em ouvi-lo, comunicar consigo, atender às suas opiniões e pedidos acerca do seu educando.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

13. É importante os pais/encarregados de educação apoiarem o trabalho pedagógico do professor na sala do seu educando.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

14. Quanto maior for a colaboração entre os pais/encarregados de educação e os professores, maior poderá ser o sucesso dos alunos.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

15. Todos os alunos podem beneficiar com o envolvimento dos pais/encarregados de educação na vida escolar.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Discordo totalmente       |  |
| Discordo                  |  |
| Não concordo nem discordo |  |
| Concordo                  |  |
| Concordo totalmente       |  |

**Obrigada pela colaboração!**

Sara Rodrigues

## **Anexo 2 - Guião de entrevista ao docente**

## Guião da entrevista ao docente

Objetivos:

Compreender como se desenvolve dentro da sala de aula e da turma a relação escola-família;

Compreender como os professores vem as reuniões de pais;

Conhecer fatores que sejam benéficos e negativos nas reuniões de pais;

Identificar algumas estratégias que sejam benéficas para que haja uma melhoria na relação entre o professor e os pais, dentro e fora das reuniões de pais.

| Categorias                                | Objetivos específicos   | Questões  | Questões secundárias                          |
|---|---|---|---|
| 1 – Identificação da docente entrevistada | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o percurso profissional da professora;</li> <li>- Conhecer o presente profissional da mesma.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>1.1 – Quantos anos tem de serviço?</li> <li>1.2 Qual é a sua formação base?</li> <li>1.3 – Quantos alunos tem este ano?</li> <li>1.4 – Está a lecionar este ano com que idade/ ano de escolaridade?</li> </ul> |   |
| 2 – Importância do Envolvimento dos pais  | - Compreender qual o nível de importância e as perspetivas dos docentes sobre o envolvimento parental nas instituições;                                   | 2.1 – Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola? E na sala de aula?  | 2.1 Acha ser importante esta relação? Porquê? |

|                                     |   |   |  |
|-------------------------------------|---|---|--|
|                                     | <p>- Reconhecer qual é a relação do docente com os encarregados de educação;</p> <p>-Conhecer perspectivas dos docentes sobre o seu papel neste envolvimento.</p> | <p>2.2 Nesta relação encontra vantagens e desvantagens?</p> <p>2.3 Conhece todos os encarregados de educação dos seus alunos?</p> <p>2.4 Caraterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.</p>      | <p>2.3 Quantos não conhece?</p>  |
| 3 - Classe social/ nível económico  | - Compreender como é que o nível socioeconómico das famílias está implicado na visão que os pais têm da participação e envolvimento em contexto escolar.          | 3.1 Da sua experiência com o grupo/ turma, acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível de relação e participação nas atividades escolares?  | 3.1 Como?  |
| 4 – Frequência das reuniões de pais | - Perceber a frequência de reuniões feitas entre os encarregados de educação e a professora da turma.   | <p>4.1 Faz reuniões de pais com frequência?</p> <p>4.2 Em que horário e local realiza as reuniões de pais?</p> <p>4.3 As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou com cada encarregado de educação individualmente?</p> | <p>4.1 Com que frequência?</p> <p>4.3 Quais as diferenças no comportamento dos pais e professores em cada tipo de reunião?</p> |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  | <p>Tomar conhecimento do género (masculino ou feminino) que mais participa nas reuniões de pais.</p> | <p>4.4 Como prepara as reuniões de pais em grupo? E as apenas com o encarregado de educação?</p> <p>4.5 Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?</p> <p>4.6 Dos pais que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento dos pais?</p> <p>4.7 Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões de pais?</p> <p>4.8 Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais? E por parte dos docentes?</p> | <p>4.4 Quais são os assuntos que aborda em cada tipo de reunião<br/>Quais as principais diferenças?</p> <p>4.5 Quais os fatores que podem intervir na não comparência dos pais.</p> <p>4.7 Quais? Porquê?</p> <p>4.8 Qual é o género que mais participa? Porquê?</p> |
|--|--|--|--|

|  |   |  |  |
|--|---|--|--|
|  | <p>- Compreender qual o tempo disponibilizado para acolher cada pai/ encarregado de educação.</p> | <p>4.9 Disponibiliza um tempo para receber os pais/ encarregados de educação de forma individualizada?</p> |  |
|--|---|--|--|

### **Anexo 3 - Entrevista ao professor 1**

E: Quantos anos têm de serviço?

P1: Quinze anos.

E: Qual é a sua formação base?

P1: ahn professora do ensino básico com variante de português inglês.

E: Quantos alunos têm este ano?

P1: Vinte: e quatro.

E: Está a lecionar este ano com que ano de escolaridade?

P1: Terceiro ano.

E: Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola

P1: ahn : é assim... existem realmente muitos pais já muito interessados e que gostam de se envolver nas atividades que são propostas, que participam nas reuniões. Em relação ao meu grupo este ano eu não tenho muita razão de queixa a nível de de ausência de pais em reuniões e noutras propostas. Nor-mal-mente a maior parte do grupo adere. Existe sempre três ou quatro pronto uma minoria que não se enquadram tanto em atividades em... está sempre... mas é uma minoria.

E: Acha ser importante esta relação?

P1: Sim... claro

E: **Porquê?**

P1: Claro... ahn porque nós passamos imensas horas com eles ahn aqui neste neste meio e portanto os pais tem a noção que tem que ser uma... ahn tem que haver uma ação conjunta porque senão não resulta nós estarmos a fazer um esforço para que eles aprendem e depois em casa não haver um feedback e também ao nível de regras cada vez é MAIS importante ahn mantermos uma boa relação com os pais e haver aquela troca de informação porque nota-se que ahn existem alguns alunos que realmente ahn precisam sempre de um reforço a nível de regras e de de maneiras de estar e assim e é importante que nesse sentido os pais tenham noção disso e colaborem.

E: Nesta relação há vantagens e desvantagens?

P1: Claro...ahn... claro as vantagens pronto são sempre boas não é? o pior é quando as desvantagens às vezes os pais não... não... não compreendem muito bem algumas situações porque... ou porque o menino conta que aconteceu uma determinada situação e os pais às vezes não... ahn... não ponderam os dois lados só atendem ao lado do filho como é óbvio não é? pronto é o seu filho mas não, tem que haver aqui uma abertura... ahn... para que se compreenda os dois lados. Às vezes isto à vantagens e desvantagens. Temos que saber... ahn... acho que tem que haver aqui muita diplomacia para gerir certas situações na escola. Hoje em dia é muito complicado.

E: Conhece todos os encarregados de educação dos seus alunos?

P1: Conheço.

E: Caraterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.

P1: ahn normalmente eu tenho um bom relacionamento com... com os pais não tenho assim nenhuma razão de queixa. Nunca tive até agora nunca tive até agora portanto isto... ahn... pronto... embora nós façamos o nosso melhor nas condições que temos e de acordo com o que sabemos e podemos não é porque às vezes há muitos fatores que influenciam a nossa ação também mas não tenho razão de queixa em relação aos pais portanto... eles normalmente são muito compreensivos e eu... eu sou muito clara naquilo que que trabalho com os miúdos e falo isso com eles e informo-os. Eu acho que é muito importante eles saberem conhecerem o nosso trabalho porque se eles conhecerem acho que ficam mais tranquilos e aí não arranjam tantos/ tantas dúvidas e tantas questões.

E: Da sua experiência com a turma acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível da relação e participação nas atividades escolares?

P1: Sim

E: Como?

P1: Sem dúvida. Por exemplo a falta de tempo, a falta de interesse também tem muito haver com a formação... dos pais ter/ haver um interesse pelo...lado académico... ahn por atividades, por propostas que se peçam para fazer em casa... ahm uhn... pronto existem sempre alguns... alguns que não... não têm tempo, não querem ter... uhn...

alguns não têm mesmo, outros é mesmo porque não querem ter e não estão para fazer um bocadinho de sacrifício. **Depositam** todo esse trabalho na escola.

E: Faz reuniões de pais com frequência?

P1: Faço nos momentos necessários.

E: Com que frequência mais ou menos?

P1: ahn... as... as necessárias que são uma vez por período... pronto e havendo alguma situação a resolver, alguma situação... que seja necessária faz-se a meio do período.

E: Em que horário e local realiza as reuniões de pais?

P1: Na sala de aula.

E: E o horário?

P1: ahn:... normalmente é das dezassete e trinta no fim das aulas às dezoito. Ultimamente foi às dezoito.

E: As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou cada encarregado de educação individualmente?

P1: ahn... há um/duas partes. Há uma primeira parte em que é em grande grupo, em que são dadas as informações e situação geral e global da turma e depois... ahn... normalmente há um atendimento personalizado com os casos que são necessários, com quem é necessário falar mais especificamente.

E: Quais são as diferenças... no comportamento dos pais e professores em cada tipo de reunião?

P1: Ora diferenças:... nota-se que pronto os alunos que têm mais dificuldades... ahn... são sempre pais mais... mais duvidosos em relação ao trabalho da escola também e depositam um bocado a culpa do facto/desse facto acontecer, dos miúdos terem talvez mais insucesso, depositam um bocado a falta de resposta na escola: a falta de ... também justificam-se muito com a falta de...de...de dinheiro para pagar centros de estudo... ahn pronto... quando às vezes se calhar isso passaria por um bocadinho de disponibilidade do tempo deles para poderem... ahn...pronto...Existem entretanto diferença entre estes pais e aqueles pais mais atentos que... concordam sempre... no

geral eles estão a par da vida da escola e esses aí não levantam nenhuma situação e acompanham os filhos, portanto nota-se assim este tipo de diferença.

E: Como prepara as reuniões de pais em grupo? E as apenas com o encarregado de educação?

P1: ( )

E: Como prepara as reuniões de pais em grande grupo? E só com o encarregado de educação?

P1: ahn:...quando/como preparo?

E: Sim.

P1:... ahn... como é que eu preparo. Então nós temos sempre diretrizes do... do agrupamento, dos pontos fulcrais que teremos que focar em cada período e depois existe os aspetos... ahn...da vida da turma que nós queremos sempre informar os pais também portanto, primeiro há há... há aquela documentação oficial, há... há: as avaliações que são situações não é? por isso é que se fazem também as reuniões obrigatórias e depois vêm os outros aspetos que tem haver com a vida da turma, é assim que eu organizo.

E: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?

P1: Sim. Falta normalmente um ou dois mas muito pouco.

E: Quais os fatores que podem intervir para a não comparência dos pais?

P1: ... o trabalho. Normalmente esses que não veem justificam-se sempre com o trabalho, outros:... ahn... por vezes se calhar um ou outro é mesmo por falta de interesse.

E: Dos pais que comparecem que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento?

P1: Dos que não comparecem?

E: Dos que comparecem.

P1: ah, dos que comparecem... uhn...é assim, normalmente... normalmente eles comparecem, normalmente eles mostram-se disponíveis para ajudar naquilo que... que nós falamos que poderão ser as dificuldades dos filhos e assim eles mostram-

se... ahn... mostram-se recetivos e isso mas depois acabamos por na prática, isso depois não se concretiza.

E: Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões?

P1:... o facto de ser o pai ou a mãe? ahn ... normalmente:... eu nesta turma até tenho muitos pais que vem juntamente com as mães, veem os dois... ahn... mas normalmente há uma tendência para ser as mães mais.

E: Sente a diferença?

P1: uhn... é assim as mães são mais interventivas, gostam mais de participar... ahn... são mais, gostam de se expor mais. Os senhores, os pais quando vem às reuniões não/ sente-se ali diferença eles não gostam tanto de se expor... ahn... e são mais comedidos na maneira como como falam, como expõem os assuntos, os pais.

E: Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais? E por parte dos professores?

P1: ... que dificuldades:

E: **Ou motivos** acha que afetam este envolvimento dos pais com os professores? Por parte de uns e por parte de outros.

P1: ... dificuldades... eu acho que é assim, uma das coisas que pode dificultar é realmente os pais não conhecerem o trabalho que é feito/ que a professora faz na aula por isso é que eu normalmente no geral informo sempre o ponto do programa em que vou, os conteúdos que já trabalhámos, o que falta trabalhar, porque é importante eles terem essa noção. Porque eu acho que é assim... eles podem comentar, podem criticar mas nós só devemos criticar uma coisa quando a conhecemos de fundo, portanto se eles tiverem um pleno conhecimento do que estamos a trabalhar com os meninos, do que já trabalhámos, do que falta trabalhar, eu acho que além deles se sentirem mais tranquilos não há tanto essa crítica perante... e/eu quanto a esse aspeto não tenho muita:... os meus pais não têm levantado muita questão porque eu coloco-os... é logo das coisas que eu faço é colocá-los a par do/dos conteúdos que já trabalhámos, precisamos de trabalhar e eles têm a plena noção disso.

E: Dispon/disponibiliza um tempo para receber os encarregados de educação de forma individualizada?

P1: Sim, sim... temos um horário próprio de atendimento que até excede o da legislação... atual... portanto nós aqui neste agrupamento poderemos até receber semanalmente sempre todas as semanas... ahn... desde que haja um encarregado de educação interessado que o solicite por escrito, nós recebemos, podemos receber uma vez por semana pais.

## **Anexo 4 - Entrevista ao professor 2**

E: Quantos anos têm de serviço?

P2: Dezassete anos.

E: Qual é a sua formação base?

P2: Licenciatura no ensino básico ( ) matemática e ciências.

E: Quantos alunos têm este ano?

P2: Vinte e seis alunos.

E: Está a lecionar este ano com que ano de escolaridade?

P2: Primeiro ano de escolaridade.

E: Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola e na sala de aula?

P2:... unh os pais quand/ quando são solicitados correspondem sempre de uma forma positiva, só há sempre um ou outro que não... que não vem por iniciativa própria ou não comunica comigo por iniciativa própria. Tenho que ser eu a chamá-los, mas regra geral são interessados e: comunicam comigo.

E: Acha ser importante esta relação? Porquê?

P2: Acho que sim que é importante para os alunos, para os alunos saberem também que há uma boa relação entre professor e pai e que estão todos a trabalhar para o mesmo, em função do/da aprendizagem dos alunos e para os pró/próprios pais também se sentirem segun/ seguros e em sintonia com o professor.

E: Nesta relação encontra vantagens e desvantagens?

P2: Sim... as vantagens já referi anteriormente, as desvantagens às vezes também:... às vezes há abusos por parte dos pais ou então... já me perdi... tenho que desenvolver mais?

E: Conhece todos os encarregados de educação dos seus alunos?

P2: Sim, conheço.

E: Caraterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.

P2: (( ruído)) ah das atividades? ah...unh....para além das reuniões... que são feitas... os pais também colaboram na realização de algumas atividades no plano anual de atividades ou a nível de turma.

E: Da sua experiência com o grupo, acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível da relação e participação nas atividades escolares?

P2: Sim.

E: Como?

P2: Quem tem o nível soci/socioeconómico mais baixo às vezes não participam em algumas atividades devido ao: elevado custo... económico ou... também por não terem anh... meio de transporte por exemplo para vir para a escola, há dias de chuva que não vêm ou... por outros motivos não vêm à escola. Por não terem maiores: disponibilidades económicas, não têm meios para vir.

E: Faz reuniões de pais com frequência?

P2: Faço as que são solicitadas pelo agrupamento, aquelas que são... por ano de avaliação.

E: Com que frequência?

P2: Uma por período.

E: Em que horário e local realiza as reuniões de pais?

P2: Na sala de aula, às dezassete e trinta.

E: As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou cada encarregado de educação individualmente?

P2: É feita uma por período em grande grupo e quando necessários os pais são chamados... os pais que é necessário conversar sobre determinados assuntos são chamados à escola.

E: Quais as diferenças no comportamento de pais e professores em cada tipo de reunião?

P2: ...Eu não noto diferença.... **Não** tenho notado diferença neste:... grupo não tenho notado.

E: Como prepara as reuniões de pais em grupo? E as apenas com os encarregados de educação?

P2: Em grupo: combinamos os temas e preparo aquilo que é para falar, aquilo que o coordenador informa os professores para falar ou o que eu sinto necessidade de falar com os pais, de acordo com a turma e com as aprendizagens aquilo que é preciso falar. Em pequeno grupo, lá está é de acordo... anh com as dificuldades que eles têm ou não (( )). O tema que eu quero falar com os pais, preparo nesse âmbito.

E: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?

P2: Não.

E: Quais os fatores que podem intervir na não comparência dos pais?

P2: Esquecimento... desinteresse... são esses dois.... **ou ou também** por questões de emprego, por horário de trabalho.

E: Dos pais que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento dos pais?

P2: ... anh... por enquanto não tenho notado, mas sei que pode ser às vezes determinados assuntos que são abordados nas reuniões que para eles que não têm interesse especificamente para eles, não é sobre os filhos deles... pode ser por aí.

E: Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões de pais?

P2: Não.

E: Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais? E por parte dos docentes?

P2: Que dificuldades ou motivos?... não estou a ver a resposta... não há.

E: Disponibiliza um tempo para receber os pais e os encarregados de educação de forma individualizada?

P2: Sim, sim.

E: Qual é?

P2: anh... É para dizer o o me/ o horário? Sim, é às quartas-feiras de manhã das oito:  
e mei/ das oito às nove.

## **Anexo 5 - Entrevista ao professor 3**

E: Quantos anos têm de serviço?

P3: Dezoito.

E: Qual é a sua formação base?

P3: Tenho licenciatura em matemática e ciências.

E: Quantos ano/alunos têm este ano?

P3: Vinte e três.

E: Está a lecionar com que ano de escolaridade?

P3: Segundo e terceiro.

E: Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola e na sala de aula?

P3: É razoável e... em alguns casos noutros casos há pais bastante que se envolvem bastante e há outros que não se envolvem nada portanto... fazendo uma média é razoável.

E: Acha ser importante esta relação? Porquê?

P3: Muito importante. Os pais têm que acompanhar o percurso escolar dos filhos, têm que vir à escola, saber como é que eles estão, como podem ajudar... ah... se estão bem, se estão mal e: contribuir para o sucesso escolar deles.

E: Nesta relação encontra vantagens e desvantagens?

P3:... sim, há vantagens e desvantagens. As vantagens é poder ajudar os filhos e: junto com o professor... chegar a um chegar a um a um... encontrar um rumo. As desvantagens é quando os pais vêm não para ajudar mas para arranjar conflitos, aí é uma desvantagem.

E: Conhece todos os encarregados de educação dos seus alunos?

P3: Todos

E: Caraterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.

P3: ahn faço atividades onde eles podem vir aqui à escola. Além das reuniões normais que acontecem todos os períodos, eles vêm à escola realizar outro tipo de atividades por exemplo quando dou as profissões eles vêm à escola falar das suas profissões,

quando: é o dia da mãe há uma atividade que envolve as mães, elas também vêm à escola, quando é dia do pai também igual, nas festas de Natal e de final de ano, portanto em momentos pontuais de de/ do ano letivo eles vêm à escola. Não só para as reuniões.

E: Da sua experiência com o grupo, acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível de relação e participação nas atividades escolares?

P3: ahn pode eventualmente: interferir, no entanto, nós tentamos que não interfira muito porque quando algum/a criança por algum motivo não pode pagar uma visita de estudo arranja-se sempre forma dessa visita ser paga... ah... de alguém contribuir pra/ para pagar essa visita. Normalmente aqui na escola as crianças não deixam de fazer as atividades porque tem menos recursos económicos, há sempre uma forma de as ajudar.

E: Faz reuniões de pais com frequência?

P3: Faço reuniões de pais uma vez por período... reuniões globais com toda a gente e faço muitas reuniões de pais individuais para falar de casos específicos... que só dizem respeito àquele encarregado de educação.

E: Em que horário e local realiza as reuniões de pais?

P3: As globais são feitas ao final do dia, por volta das cinco e meia, seis horas aqui na sala de aula e as:... as outras que eu convoco ou que os pais convocam e que são individuais também ocorrem aqui na sala de aula MAS aí tentamos encontrar um horário que se adeque aos pais porque nem sempre a minha hora de atendimento é boa para os pais virem à escola portanto podem vir de manhã, podem vir à minha hora que é na minha hora que é segunda-feira às três da tarde ou podem vir à hora do almoço ou até ao final do dia, consoante a disponibilidade das duas partes.

E: As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou com cada encarregado de **educação** individualmente?

P3: Nos dois casos. Há as de grande grupo para todos em que só se tratam de assuntos gerais da escola e da turma e há as individuais que só se tratam onde só se tratam assuntos relativos àquele aluno.

E: Quais são as diferenças no comportamento de pais e professores em cada tipo de reunião?

P3: Ahn... não não vejo grande diferença. É claro que quando são reuniões individuais ahn os pais estão mais à vontade para falar dos seus problemas, dos problemas dos seus filhos que muitas vezes são confidenciais e da situação em casa por exemplo. Nas reuniões gerais o ambiente também normalmente é bom mas falam-se de aspeto mais gerais portanto não se não se fala ao pormenor de cada um. Nas/ nos dois casos os pais têm-se sentido sempre à vontade para falar comigo.

E: Como prepara as reuniões em grupo? E as apenas com os encarregados de educação?

P3: São preparadas em casa antecipadamente. Há uma ordem de trabalhos que se segue... ahn normalmente começo por dar informações na/ nas reuniões gerais normalmente começo por dar informações gerais sobre a turma, depois fala-se do comportamento, do aproveitamento global, fala-se dos projetos e das visitas de estudo que a turma irá estar ou esteve envolvida. Falam-se de assuntos gerais. Nas:... nas individuais também se fala... ahn mas só relativamente àquele àquele àquele aluno. No final das reuniões há sempre um momento para os pais exporem a/os seus pontos de vista e alguma dúvida que tenham.

E: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?

P3: Uma boa percentagem comparece, não comparece cem por cento em todas as reuniões mas habitualmente uns: oitenta por cento estão presentes nas reuniões.

E: Quais os fatores que podem intervir na não comparência dos pais?

P3: Às vezes são situações pontuais de última hora, alguma coisa que aconteceu, a reunião estava marcada e eles não puderam vir porque... como são combinados os horários nas nas individuais e como os das das reu/reuniões gerais são ao final do dia por volta das cinco e meia seis horas, não vejo motivo para não estarem presentes portanto só quando acontece alguma situação ahn em que eles não podem mesmo de todo estar presente.

E: Dos pais que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento dos pais?

P3: O desinteresse... o desinteresse.

E: Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões de pais?

P3: Não, não. Tanto vêm pais como mães e muitas vezes vem mesmo o o casal, ou seja, o pai e a mãe em simultâneo.

E: Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais? E por parte dos docentes?

P3: Eu não vejo dificuldades de envolvimento no meu caso portanto essa questão... não não vejo dificuldade nenhuma.

E: Dispo/ disponibiliza um tempo para receber os pais e os encarregados de educação de forma individualizada?

P3: Sim, sim. Como já disse: anh... não só no meu horário de atendimento mas combinado se eles não podem estar nessa hora, combina-se outro horário para eles virem.

## **Anexo 6 - Entrevista ao professor 4**

E: Quantos anos têm de serviço?

P4: Dezanove.

E: Qual é a sua formação base?

P4: Licenciatura em professora de primeiro ciclo.

E: Quantos alunos têm este ano?

P4: Vinte e quatro.

E: Está a lecionar este ano com que ano de escolaridade?

P4: Segundo.

E: Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola e na sala de aula?

P4:... em é muito importante porque normalmente quando as crianças percebem que os pais estão envolvidos e que ... em... há comunicação com a escola e com o professor em... o rendimento: aumenta.

E: Nesta relação encontra vantagens e desvantagens?

P4: Sim... em... portanto há estas vantagens, as crianças normalmente melhoram o seu o seu empenho e o comportamento... Desvantagens muitas vezes os pais interferem em assuntos de sala de aula e de escola... em... muitas vezes sem querer mas que perturba.

E: Conhece todos os encarregados de educação dos seus alunos?

P4: Não.

E: Quantos não conhece?

P4: em... um.

E: Caracterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.

P4: ... é bom, temo/ temos uma boa relação.

E: Da sua experiência com o grupo, acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível de relação e participação nas atividades escolares?

P4: ...ahn... sim.

E: Como?

P4: ...Muitas vezes anh os pais que t/tem o nível social económico mais baixo tem mais dificuldade em vir à vir à escola e em participar.

E: Faz reuniões de pais com frequência?

P4:... faço reuniões de... com os encarregados de educação da turma todos em grupo é trimestral... depois faço (( )) algumas reuniões de pais a nível individual durante o ano.

E: Em que horário e local realiza as reuniões de pais?

P4: Na sala de aula e depois do horário letivo.

E: As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou com cada encarregado de educação individualmente?

P4: Trimestralmente é em grande grupo. Pontualmente com encarregados de educação individualmente.

E: Quais as diferenças no comportamento de pais e professores em cada tipo de reunião?

P4: ... quando quando a reunião é é individual há uma relação mais próxima, tratam-se de assuntos que dizem diretamente respeito ao ao aluno. Em grande grupo normalmente são reuniões um pouco mais formais... anh... e onde se trata assuntos gerais.

E: Como prepara as reuniões em grupo? E as apenas com os encarregados de educação?

P4: Em grupo temos uma ordem de trabalhos que está predefinida, às vezes são tratados assuntos... anh...que são combinados.., anh...ou com o pro/com outros professores do mesmo ano ou com os outros professores da da escola. Individualmente depende do do que tenho a tratar com os encarregados de educação.

E: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?

P4: Não.

E: Quais os fatores que podem intervir na não comparência dos pais?

P4: ... muitos pais não... não comparecem porque não podem devido ao horário, outros esquecem e há pais que não podem, que não podem mesmo.

E: Dos pais que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento dos pais?

P4:...Desinteresse pelos assuntos que são tratados na reunião.

E: Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões de pais?

P4: ... não.

E: Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais? E por parte dos docentes?

P4: ... Talvez a: a relação com o professor ... anh... mais ou menos empatia com o professor.

E: Disponibiliza um tempo para receber os pais e os encarregados de educação de forma individualizada?

P4: Sim, normalmente é definido um horário no início do ano mas... eu atendo os pais quando... quando lhes dá: quando lhes é mais oportuno a eles e a mim, não é (( )) não é obrigatoriamente/ não tem que ser obrigatoriamente no horário que está pré-definido.

## **Anexo 7 - Entrevista ao professor 5**

E: Quantos anos têm de serviço?

P5: Dezanove.

E: Qual é a sua formação base?

P5: anh: a minha formação base é educadora de infância, foi a minha... formação inicial e depois anh tirei o curso de professora de primeiro ciclo.

E: Quantos alunos têm este ano?

P5: Vinte: e seis.

E: Está a lecionar este ano com que ano de escolaridade?

P5: Tenho terceiro e quarto na mesma turma.

E: Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola e na sala de aula?

P5: Qual é a minha opinião:...anh... eu acho eu acho que é muito importante haver esse envolvimento... Quando há...anh...sinto que:... tudo corre melhor do que quando realmente não há esse envolvimento e infelizmente há sempre casos em que não existe esse envolvimento e normalmente os penalizados são sempre os alunos porque com mais dificuldades ou menos, quando há envolvimento das famílias... normalmente há melhorias significativas.

E: Nesta relação encontra vantagens e desvantagens?

P5: ... anh... encontro mais vantagens do que desvantagens... penso eu. Existe sempre: (( )) corremos muitas vezes o risco de: anh...dos pais acharem que se podem envolver mais do que aquilo que se calhar é suposto não é, digamos assim... e vice-versa muitas vezes podemos estar a entrar nos campos que já não ou ou o professor estar a entrar num campo que já é mais do departamento da família e vice-versa... mas acho que no global tem muito mais vantagens do que... do que desvantagens. Hoje em dia as exigências curriculares são muito grandes... anh... e nós temos turmas muito: heterogéneas... e muitas vezes há casos específicos nas turmas que se não forem realmente com o envolvimento dos pais é complicado lidarem com elas no dia-a-dia.

E: Conhece todos os encarregados de educação?

P5: Conheço todos porque: porque eu tenho uma turma/ tenho alunos de terceiro e quarto ano mas... mas tenho encarregados de educação que ainda não os vi este ano... letivo.

E: Quantos não conhece?

P5: anh: não. Conheço todos, pelo menos um encarregado de educação conheço... todos.

E: Caracterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.

P5: anh: eu: sou/ tenho muita disponibilidade para: comunicar com os encarregados de educação. Comunico através da caderneta, através do mail, tenho um horário de atendimento mas que... recebo e ajusto (( )) o atendimento com os pais maior parte das vezes conforme dá jeito aos pais, nem sempre quando me dá jeito a mim. Mas o: a ferramenta: é mesmo... a que eu utilizo mais é o mail. Comunico frequentemente com os pais por mail, por telefone também mas menos... anh... o meu envolvimento é muito grande com os encarregados de educação.

E: Da sua experiência com o grupo, acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível de relação e participação nas atividades escolares?

P5: Sim.

E: Como?

P5: anh... por norma as famílias que eu vejo que tem um nível socioeconómico mais complicado e às vezes até que passam por algumas dificuldades... anh... parece-me que depositam muito menos expectativas na educação das crianças e: de facto envolvem-se muito menos e depois isso passa um bocado para as crianças também. Muitas vezes o professor consegue mudar algumas coisas ali na: na postura da/ do aluno mas na essência está lá a dificuldade em participar no que quer que seja, quando se pede material anh não havia lá em casa e como não havia lá em casa não se não se arranja, se há um trabalho de pesquisa como não há computador em casa, isso serve de desculpa para não se fazer o trabalho e... inúmeras coisas.

E: Faz reuniões de pais com frequência?

P5: Eu faço as reuniões de pais normalmente uma vez por: por trimestre, porque é o que está estipulado pelo agrupamento.

E: Em que horário e local realiza as reuniões de pais?

P5: Na escola, na sala de aula e no horário: pós-letivo, portanto a partir das cinco e meia.

E: As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou com cada encarregado de educação individualmente?

P5: Neste momento eu faço em grande grupo, já fiz de: das duas maneiras mas a minha experiência ac/ acho que correu sempre melhor assim. Portanto eu recebo o grupo todo, dou há uma primeira parte em que há informações gerais para todos, um espaço também aberto a alguma questão que os pais queiram colocar de caráter global, digamos assim e depois então: é que a parte final é mais para individualizar. Eu... digo sempre quais são os pais com que eu com quem eu preciso mesmo de de falar porque porque há documentos próprios do aluno ou para colocar questões próprias de cada de cada aluno. Muitas vezes os pais também pedem para falar e: e depois processa-se assim estão na sala mas falo individualmente com aqueles que... (( )) com aqueles que eu tenho interesse em falar ou que me pedem para falar comigo.

E: Quais são as diferenças no comportamento dos pais e nos professores em cada tipo de reunião?

P5: As diferenças:... essa não percebi muito bem... quais são as diferenças no comportamento dos pais e professores em cada tipo de reunião?... É assim, eu nes/ neste momento anh... sinto que... eles já me conhecem muito bem, eu também já os conheço a eles portanto não... em termos: de percurso de carreira, sinto: tenho vindo a constatar que por exemplo quando são pais encarregados de educação de alunos de primeiro ano há sempre muitas questões, há sempre muitas ansiedades, há são levantadas inúmeras questões às vezes algumas até um bocadinho polémicas ou:... que levam assim a uma discussão um pouco mais acesa mas que depois vão apaziguando com o com os anos porque eles também vão ganhando mais confiança com a escola, com o professor... anh... não há já não há tanto receio, já não há tanto aquele fator desconhecido anh... e depois há sempre um ou outro elemento que possa ser um bocadinho mais desestabilizador num grupo anh: mas... pelo menos da da minha experiência tem havido sempre respeito, no geral, de ambas as partes.

E: Como prepara as reuniões de pais em grupo? E as apenas com o encarregado de educação?

P5: anh em grupo nós temos sempre por base um documento orientador de do agrupamento portanto com a ordem de trabalho dig/ de trabalhos não é, digamos assim... anh... mas depois normalmente reu/ reunimos com as colegas para decidir os pontos de carácter geral, informações a dar aos pais para que a informação dada seja mais ou menos idêntica nas turmas todas. Depois:... vejo os pontos que me interessa falar especificamente sobre a turma, falo sempre dos projetos que a turma tem e sempre que há: alguma solicitação de envolvimento por parte dos pais aproveito para falar anh: visitas de estudo, anh gosto sempre de reunir imagens de coisas que nós fizemos ao longo do período e passo na reunião também também para mostrar.... Pronto, faço um/uma rigorosa preparação digamos assim, fica mesmo tudo escrito num papel os pontos que eu quero falar para não me esquecer de nada.

E: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?

P5: Não, habitualmente não comparecem todos os pais, **nem** nunca tal coisa me aconteceu.

E: Quais os fatores que podem intervir na não comparência dos pais?

P5:... bom... nalguns casos eu acho que: será por dificuldades em se ausentarem dos seus trabalhos, penso eu... anh:... outras vezes será porque se calhar a informação nem sequer chegou lá muito bem, apesar de ir sempre uma convocatória e de eu depois também enviar um mail a lembrar...há sempre... há sempre: e depois há aquela situação que eu também acho que existe que é de facto falta de interesse, não se dar a devida importância: à reunião em si, não é? E eu acho que o facto de os professores depois se mostrarem disponíveis para: para receber os pais faz com eles sintam que não têm que fazer um grande esforço para vir às reuniões trimestrais porque “à eu não vou anh mas o professor, eu falo com a professora e depois marco uma reunião com ela”. Não têm a noção de que são vinte e tal alunos e que se todos os pais fizessem isso, o professor não fazia mais nada não é?

E: Dos pais que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento?

P5: Aos que dos que comparecem?... Eu acho que alguns pais ainda... ainda hoje se sentem um bocadinho inibidos se calhar de: participar... mais ativamente...anh... outros pronto eu acho que comparecem por uma questão mesmo de obrigação só não... não não têm muito por natureza ou por interesse, não sei, não têm muito...

anh... perfil de se envolverem propriamente. Vêm à escola saber dos seus filhos, assinam o que têm que assinar mas a participação não passa disso.

E: Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões de pais?

P5: .... anh:... essa pergunta é difícil. Não tenho assim propriamente dados estatísticos. Tenho a sensação que de facto a: as mães se envolvem mais... anh mas também quando os pais se envolvem; (( )) eu na minha turma, em especial tenho pais que se envolvem bastante, de uma forma bastante ativa. Talvez as mães sejam em maior número... acho que isso também por aí... por contingências de: de de de da própria vida familiar das pessoas, não sei mas... na minha turma (( )) tenho das duas situações, mas talvez as mães, eu acho que as mães...

E: Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais e por parte dos docentes?

P5:... que dificuldade ou motivos afetam: este: envolvimento. Envolvimento dos pais nas reuniões de pais ou **nas de**... dificuldades ou motivos ... anh... então... (( )) mais ou menos acabei já por abordar um bocadinho (( )). Há pais... que:... se envolvem ou ou... esta pergunta é um bocado... (( )) não sei se estou a perceber bem a pergunta mas... este envolvimento, esta falta de envolvimento ou ou ou afetam de uma maneira positiva ou negativa aqui, pode ser as duas coisas...os pais que se envolvem positivamente acho que são movidos: por uma consciência de... por uma consciência de que de facto é importante participar na vida escolar dos filhos, por perceberem que se se envolverem mais vão estar... mais vão conhecer e mais podem melhor podem ajudar e há pais: extraordinários que se envolvem não só ajudando os próprios filhos como também os: os filhos dos outros, não é? O contrário, aqueles que: com um envolvimento quase inexistente... acho que pode ser por vários motivos, por desinteresse, porque ou por porque tem vidas complicadas e portanto é um assunto que está para lá de secundário nas vidas deles... anh... se calhar porque não consideram importante, se calhar consideram que a escola é um assunto que: tem haver com os professores e com quem lá está e não têm que se envolver de maneira nenhuma, se calhar das tais baixas expectativas no futuro do/ dos próprios filhos. Se calhar também já as tiveram ou não as tiveram não é, enquanto enquanto crianças e estudantes e agora também não depositam nos filhos grandes expectativas de futuro digamos assim, não sei se será por isso. Em relação aos professores... anh... acho que o envolvimento depois estará na base na motivação se calhar. Se se se o

professor vir por parte dos pais que existe interesse, envolvimento se calhar também estimula mais essa situação. Se vir que: ou que a turma é complicada, o que às vezes acontece... ah: e os pais não são facilitadores ou não querem participar... às vezes também é importante o papel da da direção digamos assim, não é? de de de reconhecer as necessidades dos professores, de colaborar, de ser parceiro ou não. Portanto acho que o envolvimento do dos docentes aí nessa parte também têm muito haver com a própria turma, com o tipo de pais e com o ambiente escolar que se vive na escola onde o professor está, tem muita muita influência.

E: Disponibiliza um tempo para receber os pais e os encarregados de educação de forma individualizada?

P5: Sim, semanalmente. Temos temos uma hora semanal para esse para esse efeito.

## **Anexo 8 - Entrevista ao professor 6**

E: Quantos anos têm de serviço?

P6: Cinco anos... completos.

E: Qual é a sua formação base?

P6: anh: professora do ensino básico do primeiro ciclo.

E: Quantos alunos têm este ano?

P6: anh comecei com quinze, depois passou para catorze e agora tenho treze.

E: Está a lecionar este ano com que ano de escolaridade?

P6: Segundo ano.

E: Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola e na sala de aula?

P6: Eu acho que o envolvimento dos pais na escola acho que é sempre fundamental  
anh: é muito importante, no entanto, tens os seus prós tem prós e contras não é, como tudo anh. Eu acho que deve existir... o mais possível anh: mas nós também temos de ter o papel de dualizar, conseguir dualizar a entrada dos pais anh no envolvimento da sala porque por vezes pode condicionar as aprendizagens dos alunos e o desenvolvimento das atividades normais de sala de aula anh: mas acho que é fundamental existir essa relação escola-família e que cada vez mais é importante a escola estar aberta para a família para receber anh: os pais e a opinião deles também conta muito.

E: Acha ser importante esta relação? Porquê?

P6: anh: acho que é importante porque dá uma segurança aos filhos, não é? em termos de de de da escola, faz com que a escola seja um ambiente mais familiar, mais próximo da família. É importante também haver anh o as as as a opinião dos pais para com a escola e nós termos esse feedback, não é? não existirem ali anh: não existir ali muita muitas opiniões um bocadinho camufladas e nós não temos acesso a elas. É fundamental que nós tenhamos acesso a essa opiniões anh: mas também há desvantagens, não é? as desvantagens são sem dúvida nós cons/ não nos conseguirmos às vezes desassociar das opiniões dos pais, anh ficamos condicionados com elas e às vezes isso interfere muito no nosso trabalho anh com os os alunos. Mas de facto acho a a nossa preocupação fundamental deve ser e tem de ser o desenvolvimento da educação, da educação em termos de currículo dos filhos

anh: e se os filhos sentirem que os pais também são parte envolvente do processo acho que é é é muito vantajoso.

E: Conhece todos os encarregados de educação dos seus alunos?

P6: Sim, todos todos. Há um ou outro que só vi uma vez por por por razões familiares, não é? (( )) com as quais eu não me envolvo mas conheço todos sim.

E: Caraterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.

P6: (( )) o envolvimento que eu tenho com com os pais (( )) numa primeira análise é muito positiva, não é ? anh: o envolvimento que eu tenho com eles é é é em termos em termos práticos nós nós temos anh: temos um contato por email, nós falamos muitas muitas vezes por email, não usamos a caderneta, não é? há um contacto mais direto e imediato, não temos que estar dois ou três dias à espera que o recado venha na caderneta para haver uma comunicação escola-família. Comunicamos por email, têm o número de telefone da escola com (( )) também nós podemos conversar anh através dele anh: os pais vão muito à escola e quando quando se encontram connosco também têm abertura para falar sobre aquilo que que os incomoda e que e as dúvidas que possam ter anh: e a minha relação felizmente é muito boa com todos os pais anh dos meus alunos.

E: Da sua experiência com a turma, acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível da relação e participação nas atividades escolares?

P6: Não: não ahn, até porque é uma turma em que esse aspeto é bastante homogéneo portanto é uma turma que em que todo as famílias são são da classe média anh alta. não é? mais classe média do que de classe alta... anh: todos os pais têm têm têm uma uma uma vida estável em termos de de emprego e de anh e económica também e não sinto que haja muita disparidade e que isso influencie depois no processo de ensino-aprendizagem e no envolvimento das famílias na escola. Não sinto que tenha, que tenha influência.

E: Faz reuniões de pais com frequência?

P6: anh: se faço reuniões de pais... reuniões de pais gerais será só apenas no início do ano pronto para apresentação do projeto da escola anh: normalmente até é com: com com o resto das turmas do primeiro ciclo mas há uma reunião geral no início do ano e depois ao longo do ano vão sendo marcadas reuniões individuais com os pais para falar concretamente de cada filho anh: para também não estar a expor ali

problemas que possam ser individuais e e que não façam e que não podem fazer sentido para os outros pais. agora... anh: é claro que pode acontecer excepcionalmente uma reunião ser ser ser necessária fazer uma reunião com todos os pais para esclarecer um ou outro aspeto por exemplo, agora com as provas de aferição do segundo ano e com anh:... com as mudanças que vão existir para o próximo ano letivo foi foi preciso fazer uma uma reunião e fizemos agora há pouco tempo outra reunião. Portanto este ano, houve duas reuniões gerais e o restou foi tudo anh reuniões anh foram todas reuniões de inter/ de de ahn:... individuais para entrega de avaliações ou para assinar planos de intervenção ou planos de de anh: individuais de trabalho pronto. Não, não há assim, não faço muitas reuniões anh: a verdade é essa. Nós conversamos muito por email e converso muito individualmente com cada pai anh e não não não temos sentido essa necessidade.

E: Em que horário e local realiza as reuniões de pais?

P6: O horário normalmente é dentro do horário letivo, portanto normalmente quando é para entregar avaliações, para falar com sobre um ou outro aspeto anh é durante a hora do horário letivo quando eles estão a ter inglês ou quando estão a ter educação física que estão com outro professor anh: ou então depois do horário de trabalho, a partir das quatro e meia... anh: e é sempre na sala de aula.

E: As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou com cada encarregado de educação individualmente?

P6: Pois, foi como eu respondi há pouco anh quando à necessidade de reunir o grupo todo, faz-se com o grupo todo. Quando quando quando aquilo que é para debater, quando quando é para falar para o grande grupo e se os aspetos a tratar são anh: dizem respeito a todos os pais, nós reunimo-nos anh: de forma geral mas normalmente são sempre de forma individual.

E: Como prepara as reuniões de pais em grupo e as apenas com o encarregado de educação?

P6: Bem, as reuniões de pais e em grupo são preparadas normalmente com a minha outra colega do segundo ano, que também está com uma turma de segundo ano e com a diretora pedagógica que neste caso é anh a a diretora da escola. Anh: são preparadas em conjunto anh e depois é feita a intervenção em forma conjunta também Depois as as as as intercalares claro, faço sempre um apanhado aqueles dos dos dos dos itens que eu quero que eu quero trabalhar, que eu quero falar com os pais anh: e

tenho esse apoio depois ali ao meu lado para não me esquecer de nenhum aspeto que queira queira falar com os pais, mas normalmente anh é tudo muito muito tranquilo não há nenhuma ata específica para registo de de ocorrências anh não existe assim nada de muito formal. Normalmente essas reuniões individuais se houver alguma coisa mais grave para tratar é claro que a coisa a diretora pedagógica é convidada a estar presente na reunião, mas normalmente é tudo muito é muito informal. São reuniões muito informais.

E: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?

P6: Sim, todos os pais anh: quando acontece, por exemplo esta agora que aconteceu por acaso muitos pais da minha turma não não não apareceram por uma questão de organização anh em termos de emprego e de família mas anh quando são reuniões específicas de um determinado aluno, o que acontece é que normalmente só vem um pai, não é? Eles têm um pai e uma mãe normalmente, não é? anh e e e só vem um deles portanto anh vêm anh mas muitas vezes não vêm os dois, mas vêm, normalmente vêm sempre.

E: Dos pais que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento?

P6: Sem dúvida a organização familiar, sim. Todos eles são interessados. Tenho muita sorte neste neste grupo de pais que tenho. São todos muito interessados, muito motivados (( )) se envolvem muito na aprendizagem dos miúdos anh mas às vezes anh: as rotinas não ajudam depois a que estas reuniões se se encaixem na perfeição no dia de trabalho, ao fim do dia de trabalho anh na gestão que têm que fazer para poderem vir à escola. Nós também somos escola e também temos que perceber esse lado das famílias, não é? Nem sempre é muito fácil anh e acho que é mais por aí. É mais a disponibilidade por causa do emprego.

E: Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões?

P6: anh: sim, sem dúvida. Acho que, está a falar das mães e dos pais, não é? anh eu acho que sem dúvida que os pais podem ter, não não é que os pais anh se anh se com/ falem menos nas reuniões, mas as mães têm mais anh mais disponibilidade para colocar as suas dúvidas e e para para receber depois o esclarecimento a essas dúvidas e depois se calhar até levam essas dúvidas para casa e vão tentar desmontá-las. Os pais são muito mais pragmáticos anh, querem um (( )) vão muito mais diretos ao assunto. A mãe as mães podem estar ali um bocadinho à volta do assunto até

chegar à dúvida até chegar à pergunta que querem formular mas normalmente as mães participam bem mais do que os pais, até porque há muitas mães que vêm e muitos pais que não vêm às reuniões, não é? São mais as mães do que os pais, portanto as mães claro vão participar mais do que os pais.

E: Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais e por parte dos docentes?

P6: Pois, não sei. Eu acho eu acho que isso também tem haver com com com a influência pessoal, não é? anh com a forma como nós nos disponibilizamos para para para esses momentos. Às vezes não é fácil anh como nós como professores às vezes não é fácil estarmos perante um grupo enorme de pais a: a expor tudo o que temos para expor. A timidez não ajuda, não é? Muitas vezes há coisas que atrapalham e se não for um trabalho muito bem feito antes, não é? de relaxamento, de vamos pensar isto tem que correr bem, vamos conduzir a reunião de uma forma de uma forma clara, objetiva e não dar azo a que muita muita turbulência ali à volta anh: mas não é fácil. Eu acho que não é um momento fácil no trabalho de um professor ter que enfrentar entre aspas, não é? porque eles não são nenhuns selvagens, não é? não vamos por aí. Mas é difícil para um professor enfrentar este momento em relação aos pais anh acho que os pais anh... Os pais analisam de uma forma muito prática, não é? a pessoa está ali, vai dizer coisas que me interessam e eu vou dar a minha opinião. O professor às vezes tem que responder a dúvidas que às vezes não tinha a resposta ali, não é? Que se calhar nem pensou nem pensou muito naquilo, nem nem nem fez a previsão de que aquilo iria acontecer e tem que arranjar estratégias para conseguir tirar aquela dúvida aos pais e a nossa postura difere muito aí anh é muito diferente, são coisas bastante diferentes.

E: Disponibiliza um tempo para receber os pais e encarregado de educação de forma individualizada?

P6: Pois, esse horário de atendimento de pais não é fixo. (( )) na prátic/ na teoria quer dizer no papel existe esse momento, não é? de atendimento aos pais mas depois na prática nós não o cumprimos. Nós estamos somos uma escola particular e nós estamos completamente disponíveis para receber os pais a qualquer hora anh: que acho que também faz parte, não é? seja seja à hora do almoço, seja numa hora de inglês ou de de de em que eles estejam com os professores das ativid/ das atividades extra curriculares e nós temos que estar disponíveis anh a verdade é que isso é fácil

de fazer, não é? aja boa vontade e e e e tudo se faz. Não tenho, não tenho um horário fixo.

## **Anexo 9 - Entrevista ao professor 7**

E: Quantos anos têm de serviço?

P7: Vinte e um anos.

E: Qual é a sua formação base?

P7: anh: professora primeiro ciclo, licenciatura.

E: Quantos alunos têm este ano?

P7: Tenho quinze.

E: Está a lecionar este ano com que ano de escolaridade?

P7: Terceiro ano.

E: Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola e na sala de aula?

P7: Olha, na escola acho que é importante. Acho que acho é importante o os pais terem uma uma ação mais interventiva, participarem no dia-a-dia da escola das crianças anh: saberem como é que eles estão, o seu percurso escolar. Na sala de aula anh: acho que o envolvimento deles anh: perturba muitas das vezes o funcionamento: da sala de aula, porque cada vez mais se notam pais que acham que sabem o que é que devem fazer, que acham que sabem o que é que os meninos devem aprender. Portanto, eu acho que têm que haver um envolvimento da escola na família mas qb, ou seja, anh seja passível de de acompanharem anh o percurso da criança anh: mas a base tem que ser um professor não é e e acreditarem mais no professor e não nas teorias que se proclamam por aí, no nos artigos que leem dos psicólogos, porque hoje em dia o envolvimento deles é muito de... “eu é que sei, o meu filho isto, o meu filho aquilo. Não pode ensinar isto, não pode ensinar aquilo porque ele ainda não está aqui, porque ele ainda não está ali”. Portanto acho que tem que haver (( )) um envolvimento dos pais na escola acompanharem o dia a dia anh da criança mas na sala de aula acho que eles não devem ter uma ação muito interventiva.

E: Nesta relação encontra vantagens e desvantagens?

P7: Encontro. Encontro vantagens porque através... na na neste processo de ensino aprendizagem nada se consegue sozinho portanto anh: tem que haver aqui um triângulo professor anh: aluno e pais anh: e é vantajoso porque através dos pais também conseguimos conhecer melhor as as as crianças e: o que se passa com elas

e o que podemos fazer para as ajudar. Nesse aspeto acho que é muito vantajosa a relação que se estabelece com os pais.

E: Conhece todos os encarregados de educação dos seus alunos?

P7: Sim, todos.

E: Caracterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.

P7: (( )) É... é uma relação de... existe uma relação de afetividade, de confiança anh:... de partilha mas sempre pondo um travão para eles não, não passem anh esse limite. Mas é uma uma relação... de confiança, boa, de partilha.

E: Da sua experiência com a turma, acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível de relação e participação nas atividades escolares?

P7: Sim, acho que sim (( )). No ensino quando nós estamos então a falar em em ensino: às vezes na diferença entre ensino público e em ensino privado não é? eu acho que as crianças que vêm de um de um meio socioeconómico mais favorável que:... tudo flui muito: muito melhor não é? que que as coisas acabam por: por se concretizar muito: de uma forma muito mais sistematizada pronto. Em crianças que que não tenham se calhar esses privilégios não é? acaba por ser um bocadinho mais: mais difícil:... pronto anh: perdi-me agora na conversa. Um bocadinho mais difícil: essa essa participação nas atividades escolares. Acho que sim.

E: Faz reuniões de pais com frequência?

P7: anh: é assim... fazemos a reunião de início... de ano e de final de ano, para já. Pronto é o modelo que nós temos agora na escola e depois faço sempre que é necessário chamo os pais à escola e: mas não há uma periodicidade é conforme as minhas necessidades e conforme o que se vai... o que vai sendo anh o que vai acontecendo.

E: Em que horário e local realiza as reuniões de pais?

P7: unh... numa sala ou na sala de aula ou numa sala que que esteja livre na na na escola. Anh O horário depende muito também da: da flexibilidade dos pais, da flexibilidade horária dos pais e também da minha disponibilidade horária mas não: eu tanto posso atender às duas, como às: quatro, como às cinco, como às três. Tem muito haver com: com o que eles: com a ocupação que com que os alunos estão. Se

eles estiverem numa aula de ginástica, por exemplo, eu posso marcar uma reunião de pais nessa nessa altura, portanto não tenho um padrão anh: vai fluindo.

E: As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou com cada encarregado de educação individualmente?

P7: A a do princípio do ano e a do final são reuniões de grupo, todas as outras são feitas individualmente.

E: Quais as diferenças no comportamento dos pais e professores em cada tipo de reunião?

P7: Em grupo: eles tomam muito mais força, não é? e em grupo se alguma coisa anh: que eles acham que não está bem anh: tentam puxar isso para a reunião para ver se ganham força para poder anh quase aniquilar o professor. Anh individualmente anh: a coisa já está de um para um portanto acabam por acalmar um bocadinho um bocadinho mais. Estas são as principais diferenças que eu noto: numa reunião de grupo e numa reunião individual.

E: Como prepara as reuniões de pais em grupo e as apenas com o encarregado de educação?

P7: As de grupo são geralmente: preparadas coletivamente pelo conselho escolar onde nós estabelecemos o que é que vamos abordar anh: durante a reunião. Nas individuais tem muito haver com:... com aquilo que eu quero apresentar sobre o aluno, se se se quero preparar, falar especificamente só sobre as dificuldades de aprendizagem daquele aluno, se é uma reunião comportamental portanto, depende muito também da da criança que eu tenho à frente, não é? As de grupo normalmente é em comum, vamos abordar estes temas anh todos e em todas as salas de aula e depois as individuais é olhar um bocadinho para o perfil do aluno e ver o que é que o que é que interessa ao pai dizer ali sobre aquele aluno.

E: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?

P7: Sim, geralmente estão quase todos, sim.

E: Dos pais que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento dos pais?

P7: Trabalho... tempo muito ocupado anh: acho que é o essencial. As pessoas estão muito canalizadas para o trabalho trabalho trabalho trabalho não é? e: eu acho que

isso às vezes é que:... ficam cansadas, chegam ao final do dia já não, não estão para aí viradas, não é? porque é tanta coisa e: eu até compreendo não é? uma coisa é um... eu por exemplo saio às quatro da tarde portanto eu tenho muito tempo disponibilidade para me envolver anh no meu filho, não é? com o meu filho. Os pais hoje em dia trabalham horas e horas e horas, chegam a casa tardíssimo e eu acho e eu acho que tudo isso é uma bola de neve que que faz com que às vezes o envolvimento, que pareça que não há envolvimento das famílias e às vezes até há, a muito custo.

E: Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões?

P7: Sim... anh: (( )) então é assim as mães são mais: anh: opinativas, interventivas e problemáticas. Sim, há diferenças entre os pais e as mães sim, no envolvimento. Anh.

E: Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais e por parte dos docentes?

P7: Das mães (( )) acho que é: a questão de serem mais interventivas, mais opinativas anh: mais problemáticas. Os pais são muito mais descontraídos e muito mais racionais, pronto acho que há uma grande diferença anh: entre a mãe e o pai. Anh: da minha parte em relação:... em relação para mim não há diferença nenhuma entre um e o outro, eu lido com os dois da mesma da mesma maneira, não há cá...

E: Disponibiliza um tempo para receber os pais e os encarregados de educação de forma individualizada?

P7: Sim, sim.

## **Anexo 10 - Entrevista ao professor 8**

E: Quantos anos têm de serviço?

P8: Dezassete.

E: Qual é a sua formação base?

P8: anh: licenciatura no ensino básico, variante português francês.

E: Quantos alunos têm este ano?

P8: Vinte e três.

E: Está a lecionar este ano com que ano de escolaridade?

P8: Quarto ano.

E: Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola e na sala de aula?

P8: Anh: eu acho que os pais se envolvem bastante são pais interessados e que querem ajudar os filhos a: a ter sucesso.

E: Acha ser importante esta relação? Porquê?

P8: Eu acho que é uma relação importante porque eu acho que quando os pais mostram interesse em ajudar os filhos, os filhos também se mostram mais interessados e com mais vontade de melhorar.

E: Nesta relação encontra vantagens e desvantagens?

P8: anh: na relação entre o envolvimento dos pais na escola. Eu acho que não tem desvantagens desde que os pais não sejam muito: intrusivos digamos assim, não tentem fazer o trabalho do professor.

E: Conhece todos os encarregados de educação dos seus alunos?

P8: Sim.

E: Caraterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.

P8: anh:... temos um envolvimento grande. Estamos normalmente sempre em contacto seja por mail, seja: pessoalmente.

E: Da sua experiência com a turma, acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível de relação e participação nas atividades escolares?

P8: Sim.

E: Como?

P8: anh: acho que os pais que têm um nível socioeconómico mais elevado tendem a envolver-se mais com a escolaridade dos filhos.

E: Faz reuniões de pais com frequência?

P8: anh normalmente uma vez por período.

E: Em que horário e local realiza as reuniões de pais?

P8: Na escola e normalmente: num horário que seja combinado entre mim e os pais, ou seja, um horário que dê para ambos, para ambas as partes.

E: As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou com cada encarregado de educação individualmente?

P8: anh: no início e no final do ano são feitas em grande grupo a: a meio do ano normalmente eu faço reuniões individuais ou sempre que eu ache necessário ou tenha algum assunto mais pontual para falar com algum encarregado de educação marque reuniões individualmente.

E: Quais as diferenças no comportamento dos pais e professores em cada tipo de reunião?

P8: Eu acho que os professores ficam mais fechados digamos assim, têm um bocadinho mais de dificuldade na comunicação quando estão a falar para um grande grupo de pais. Acho que quando é: um de um para um a comunicação ocorre mais facilmente anh e acho que quando temos reuniões individuais com os pais, os pais falam daquilo que realmente lhes interessa que é o filho deles e não falam em geral, porque eu acho que as reuniões gerais com os pais só dão para tratar de assuntos gerais não dão para tratar dos assuntos que realmente interessa aos pais que são os filhos deles.

E: Como prepara as reuniões de pais em grupo e as apenas com o encarregado de educação?

P8: É assim, normalmente tenho grupo faço uma: listagem ou arranjo um powerpoint onde eu consiga mencionar todos os temas que eu quero falar na reunião, para não

me perder. Quando é individualmente eu arranjo cada ponto que quero falar sobre: a criança, cada ponto que eu quero falar com o pai.

E: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?

P8: Sim.

E: Dos pais que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento dos pais?

P8: Eu acho que os pais envolvem-se bastante aqui, não vejo: não vejo aí o pouco envolvimento dos pais.

E: Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões de pais?

P8: unh: não.

E: Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais e por parte dos docentes?

P8: Eu não sei. Acho que às vezes o perfil de cada pai pode dificultar o envolvimento. Eu tenho, por exemplo, o caso de um pai que é bastante tímido e têm bastante dificuldade em envolver-se quer as reuniões sejam para o grande grupo, quer sejam de um para um anh mas nos outros pais eu não noto que haja dificuldades.

E: Disponibiliza um tempo para receber os pais e encarregados de educação de forma individualizada?

P8: Não tenho esse tempo no meu horário, mas se me for solicitado por algum pai a marcação de uma reunião esse tempo é arranjado, ou se eu quiser marcar... também.

**Anexo 11 - Entrevista ao professor 9**

E: Quantos anos têm de serviço?

P9: Vinte e cinco.

E: Qual é a sua formação base?

P9: A formação base é licenciatura portanto a base foi o: barchalato com professores de primeiro ciclo e depois complemento com português.

E: Quantos anos/alunos têm este ano?

P9: Vinte e um.

E: Está a lecionar este ano com que ano de escolaridade?

P9: Terceiro ano de escolaridade e uma aluna do quarto ano de escolaridade com necessidades educativas especiais.

E: Qual é a sua opinião sobre o envolvimento parental na escola e na sala de aula?

P9: Acho que é extremamente importante tanto na escola como na sala de aula que de alguma forma an: é uma mais-valia para a aprendizagem dos alunos e é uma mais-valia para an: o próprio professor também.

E: Nesta relação encontra vantagens e desvantagens?

P9: Encontro vantagens sobretudo... porque: portanto se houver uma boa relação entre o professor titular de turma e os encarregados de educação os alunos têm a noção de que an: há um envolvimento dos pais no percurso pedagógico deles, portanto logo aí a responsabilidade deles também aumenta e portanto isso acaba por consequentemente ser profícuo para o percurso e para o seu sucesso pedagógico.

E: Conhece todos os encarregados de educação dos seus alunos?

P9: Conheço todos.

E: Caracterize sucintamente o seu envolvimento com os encarregados de educação.

P9: O meu envolvimento é um envolvimento de cordialidade, de respeito an: e de interajuda comigo e com eles e eles e comigo.

E: Da sua experiência com a turma, acha que o nível socioeconómico das famílias interfere no nível da relação e participação nas atividades escolares?

P9: Acho, **acho**.

E: Como?

P9: anh: é assim se a: houver crianças alunos que tenham não tenham condições familiares propícias familiares, económicas em que haja situações problemáticas em casa, isso reflete-se na forma de estar, na forma de:... nomeadamente na forma de estar anh: na atenção, no desempenho e portanto é mais complicado. O professor tem que tentar gerir essa situação de modo a colmatar essas falhas entre aspas que existem.

E: Faz reuniões de pais com frequência?

P9: Faço reuniões de pais anh: trimestralmente reunião de avaliação e: portanto atendo os pais mensalmente numa hora previamente anh: definida no início do ano letivo... e sempre que haja qualquer situação e que é pertinente fora desse horário anh o pai, o encarregado de educação falar com a professora ou eu mesma ter de falar com o encarregado de educação depois será contactado ou os pais contactam-me a mim e nós aferimos qual é o horário possível para nos encontrarmos e resolver o ponto da situação que for.

E: Em que horário e local realiza as reuniões de pais?

P9: anh na escola, anh: na sala de aula porque tenho a sala disponível dado que os meninos estão na atividade anh atividade física extra curricular e portanto tenho o espaço da sala para os atender e reunir com eles.

E: As reuniões de pais são feitas em grande grupo ou com cada encarregado de educação individualmente?

P9: São feitas em grande grupo e sempre que haja algum assunto para tratar individualmente será posteriormente à reunião, tratado depois individualmente com cada encarregado de educação.

E: Como prepara as reuniões de pais em grupo e as apenas com o encarregado de educação?

P9: Co/como é que eu preparo, portanto...mediante aquilo que eu tenho para falar com os encarregados de educação, o assunto, aí eu documento-me seja pedagógico, seja um assunto que diga respeito ao tal envolvimento ou: que não tenha haver com... (( )) tem haver obviamente com o desempenho do aluno, com o percurso pedagógico dele,

com o sucesso pedagógico do aluno mas se houver outras situações que estejam por trás anh:... a falhar em em que sejam anh: que vão que estejam ligadas anh: ao falhanço entre aspas desse percurso pedagógico, portanto tenho que me documentar com aquilo que tenho e tenho que pedir a ajuda dos pais para a melhor compreensão possível porque estamos a trabalhar os dois em conjunto para a turma, para a turma barra aluno.

E: **Quais** as diferenças no comportamento dos pais e professores em cada tipo de reunião?

P9: Penso que não há comportamento do: desculpe.

E: Quais as diferenças no comportamento dos pais e dos professo/professores em cada tipo de reunião, ou seja, na em grupo e individualmente.

P9: ... o comportamento dos pais é o mesmo. Portanto em grande grupo fala-se daquilo eu se tem para falar no geral relativamente à turma. Individualmente fala-se daquilo que se diz respeito só ao aluno. Não anh: portanto ao grande grupo e coisas que são da vida escolar e que são para todos mas que diz respeito especificamente sobre aquele aluno portanto o comportamento dos pais, pela minha experiência relativamente a este ano é bom

E: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões?

P9: Habitualmente todos os pais comparecem nas reuniões.

E: Dos pais que comparecem, quais são os fatores que podem levar a um menor envolvimento?

P9: Às vezes, muitas vezes a falta de tempo do do do próprio encarregado de educação ou por questões de trabalho porque estamos numa sociedade em que o tempo é muito escasso anh: e: só se for por aí, não vejo de outra forma. Não pronto não sinto que aja falhas neste momento e nesta turma, não sinto que haja falhas de ausências de encarregados de educação perante anh os seus educandos.

E: Sente diferenças de género no modo como os pais se envolvem nas reuniões de pais?

P9: Não, não, não, não. E muitas vezes anh: portanto o: está o pai e a mãe presente na reunião, embora seja só um o encarregado de educação mas anh: nesta turma há muito vêm muito o pai e a mãe, portanto vêm juntos. E eu penso que isso é muito é

muito bom tanto para o professor que sente o apoio, que sente que os pais estão envolvidos, tanto o pai como a mãe, como para o próprio aluno que tem cá a estrutura da família digamos assim.

E: Que dificuldades ou motivos acha que afetam este envolvimento? Por parte dos pais e por parte dos docentes?

P9:... os motivos? eu penso que cada encarregado de educação quer o melhor para o seu educando e: e portanto esse é o motivo primordial digamos assim no envolvimento deles. As dificuldades, às vezes será a falta, a tal falta de tempo para o acompanhamento que era desejável os filhos terem em casa e que muitas vezes não têm, mas neste ano eu não me posso queixar muito relativamente a isso.

E: Disponibiliza um tempo para receber os pais e os encarregados de educação de forma individualizada?

P9: Disponibilizo todos os meses mensalmente no atendimento ao encarregado de educação, aí é individual.